

BRASIL-PORTUGAL

1 DE JUNHO DE 1903

N.º 105



Raphael Bordallo Pinheiro

A Associação dos Jornalistas de Lisboa promove uma grandiosa homenagem a Raphael Bordallo Pinheiro,

o auctor de tantas obras primas que enriquecem a arte nacional.

Na sede da Associação, no dia 4 d'este mez, ser-lhe-ha entregue um album collossal com mais de 400 nomes firmando preitos de admiração pelo talento e pela obra do artista. Seguir-se-ha um banquete, no theatro de D. Maria, para o qual se inscreveram já 150 pessoas, representantes de todas as classes da sociedade portugueza.

No proximo numero 105 o *Brasil-Portugal* dará croquis especiaes d'esta festa.

POLÍTICA INTERNACIONAL

Annunciada revolta geral dos Balkans contra o domínio musulmano, embora não se houvesse realizado com a extensão que as melhores autoridades lhe attribuíam, nem por isso tem deixado de angustiar, e de modo bem cruel, a Macedônia. O que n'esta desgraçada região se está passando, igual, se não excede, os horrores da Bulgária, que provocaram a guerra turco-russa de 1877. Os tempos, porém, estão bem mudados.

Ha vinte e cinco annos a Rússia emprendia uma guerra dispendiosa e difficil para libertar os seus irmãos slaves, victimas das crueldades dos *bachi baxás*, que a voz generosa de Gladstone tinha posto a descoberto perante o mundo civilizado. Hoje a mesma Rússia, parece que mais resignada com a sorte d'esses irmãos opprimidos por um despotismo sanguinario, tão deshumano pelo menos como o d'então, está de concerto com a Austria-Hungria trabalhando para que a servidão dos macedonios continue, pretextando a necessidade de dar execução a um programma de reformas, em cuja efficacia ninguem acredita, a começar por aquelles que o elaboraram.

E no entanto os combates e os morticínios vão continuando com uma funebre persistencia. De um lado as guerrilhas bulgaras atravessam a todo o momento a fronteira do principado, e vão atacar as aldeias musulmanas exercendo nellas cruéis vinganças. Por outro lado os albaneses do *vilayet* de Uskub e do de Kossovo não querem ouvir fallar de modo algum no projecto de reformas austro-hungaro, e recorrem a todos os meios para impedir que elle se execute, lançando mão do proprio assassinato, como aconteceu com Chitchebina, o desventurado consul da Russia em Mitrovitzá, que caiu victima do fanatismo de um soldado *skipter*. Por mais que o sultão se esforce em desarmar a feroz opposição dos albaneses, é todo trabalho baldado. E o ponto delicado da questão para Abd-ul-Hamid é que elle tem de ser cauteloso e não quer de repente se deparar com a sua marinha particular, em cujo poder elle virtualmente está e que é composta inteiramente de soldados da Albania. Só assim se explica a lentidão com que se tem procedido contra essa minoria selvagem, que pela sua attitude intrinseca está provocando a intervenção das potencias e portanto a liquidação violenta do problema balkânico. Ultimamente, depois do malogro da missão que Abd-ul-Hamid enviou aos *vilayets* revoltados, para os convencer a acceptarem as reformas propostas, e principalmente graças ás peremptorias intimações dos embaixadores da Russia e da Austria-Hungria, parece que se resolveu em Constantinopla proceder com energia. Pelo menos assim o dá a entender a mobilisação das tropas turcas e a sua concentração na vizinhança dos districtos em revolta.

O correspondente de Vienna para o *Times* noticia, segundo um despacho official de Constantinopla, que nos ultimos dias foram prelo e a quella cidade n'uma reunião de ministros, tendo sido tomadas medidas de precaução extraordinarias a respeito da guarda *skipter* de Yildiz-Kiosk. Além d'isso affirma-se que foram dadas ordens terminantes para uma immediata offensiva contra os albaneses no *vilayet* de Uskub. D'esta ultima cidade telegrapham que o sultão tem procurado por todos os modos appellar para os sentimentos religiosos dos albaneses, esforçando-se por lhes demonstrar que as reformas propostas não estão em opposição com os dogmas do Alcorão. A população, porém, continúa a mostrar-se desconfiada e persiste em não consentir que as reformas sejam executadas, nem tolerar a nomeação de consules para o territorio no norte de Uskub. Os albaneses continuam a affirmar que não querem combater os turcos e que os não consideram com responsabilidade no programma que foi imposto a Abd-ul-Hamid pela Austria-Hungria e pela Russia. Assim, é contra esta ultima potencia que elles descendem toda a ira, ameaçando com a morte o successor de Chitchebina e todos quantos funcionarios forem enviados de S. Petersburgo. Ao mesmo tempo ameaçam tambem atacar os navios e pedem ao sultão que os auxilie n'esta empreza. E' a anarchia alastrando-se por toda a Macedônia, e complicando cada vez mais a situação. No *vilayet* de Kossovo a situação não é melhor. O fanatismo é ali cada vez mais intrinseca entre os musulmanos, estando a população christã a todo o momento ameaçada de um morticínio geral.

Para se vêr até que ponto está exacerbado o espirito das populações, e como tanto a Turquia como a propria Russia se arreceiam de provocar a conflagração, que todos temem, basta considerar o que se está passando com o soldado Ebrahim. O assassino do consul da Russia foi primeiramente condemnado a uma pena irrisoria, quando se suppunha que Chitchebina se salvaria do ferimento recebido. Logo, porém, com o desventurado funcionario falleceu, como era necessario para a justiça, a corte da Russia não desistiu de condemnar a pessoa do seu representante, a primitiva sentença foi substituida por uma sentença de morte. Mas a difficuldade é executal-a. O assassino está sendo publicamente glorificado; converteram n'um heroe popular, n'um martyr da causa nacional; e por diversas vezes já tentaram os albaneses libertal-o. Chegou a tal ponto este movimento de *sympathia* pelo criminoso, que se receiam graves acontecimentos se porventura a sentença de morte vier a executar-se. Este incidente é por demais elucidativo do actual estado de cousas nos Balkans.

E o peor é que as revoltas parciais repetem-se constantemente ora n'um ponto ora n'outro, apesar das declarações officias em contrario. Um dos ultimos conflictos foi o que se deu nas montanhas perto de Smilantzi, no *vilayet* de Uskub, entre uma guerrilha bulgara composta de 30 homens e um destacamento de tropas turcas. Segundo noticias fidedignas a guerrilha perdeu entre mortos e feridos 20 homens, mas refugou-se a Russia, e levou os turcos, que foram ficado prisioneiros, se por sua vez não houvessem recebido reforços. E como este encontro muitos outros se teem dado, mais ou menos sangrentos conforme o numero das forças empenhadas.

Com menos motivo interveio a Russia em 1877. A situação, porém, do grande imperio slavo é hoje muito differente do que era então. N'essa epocha ainda a Russia se não tinha embarcado em emmaranhada questão do Extremo Oriente, e tinha portanto liberdade de acção para se poder occupar dos assumptos balkanicos. Hoje o caso é differente. A absorção da Manchuria e a do norte da Persia não deixam ao tsar nem um momento livre nem um rublo disponível para resolver pelas armas a questão da Macedônia. Além de que a abertura de um conflicto armado na peninsula dos Balkans seria sem menor duvida o signal de uma immediata offensiva anglo-japonesa no Oriente da Asia, suppondo mesmo que semelhante conflicto não era ao mesmo tempo ensejo de se manifestar o profundo antagonismo, que divide a Russia da Austria-Hungria n'esta questão. Assim, em face da insurreição macedonica a posição da Russia hoje é exactamente a mesma que a da Inglaterra, ha tres annos diante da insurreição dos *bóxers*. A Grã Bretanha, immobilizada militarmente pela guerra sul-africana, o que de-sejava era a paz a todo o custo na China, visto não estar em condições de assumir uma posição preponderante, se a guerra viesse a estalar. E' o que acontece com a Russia presentemente. Paralyzada pela vasta empreza de absorver a um tempo a Manchuria, a Mongolia e todo o norte do imperio russo, não pôde por agora representar na Macedônia o papel que ella para si tálhou, e arriscar se-hia a perder ali toda a influencia que passaria a ser exercida pela Austria exclusivamente, no caso de se entrar desde já na liquidação violenta do imperio ottomano. E prorrso o gabinete de S. Petersburgo, que em 1877 declarou a guerra á Turquia para libertar os bulgaros, é hoje o mais decidido adversario das medidas extremas, que os macedonios reclamam para a sua emancipação. Só assim se explica a apresentação de um projecto de reformas, que mesmo na hypothese nada provavel de integral execução, deixaria ainda como antes, e não definitivamente a resolução do problema balkânico, a qual quanto mais se demorar maiores difficuldades apresentará, sem contar com as vicissitudes que até lá esta demora irá custando.

Não ha exemplo mais suggestivo dos processos politicos e diplomaticos da Russia do que o da Manchuria. Desde 1900 que o tsar está praticamente de posse d'esta provincia do Celeste Imperio, onde elle foi forçado a intervir, segundo os termos da declaração official, para impedir entre outras cousas que a China fosse desmembrada. O fim da occupação russa, no dizer do governo de S. Petersburgo, era sim de estabelecer a ordem e a pacificação, e não de fazer da provincia do transiberiano. Obtida a pacificação, nem mais um dia se demorariam os cossacos em territorio chinês, voltando para as suas antigas posições na Siberia. Apesar, porém, d'esta declaração terminante, feita por mais de uma vez ás potencias, a Russia ia se demorando na occupação, sem que semelhante demora se justificasse por qualquer acontecimento anormal. Ao mesmo tempo que isto se dava, informavam alguns dos raros viajadores que conseguiram penetrar na provincia continentalmente da China, que os russos se estavam a preparar para a evacuar, no cumprimento das promessas feitas, estavam pelo contrario tratando de russificar por todos os modos o paiz, mostrando bem poucas disposições de o abandonar.

Foi então que a pressão combinada da Inglaterra, do Japão e dos Estados Unidos, forçou o tsar a marcar um prazo para a evacuação completa da Manchuria, concordando-se n'um programma, que a seu tempo n'uma d'estas revistas publicámos, e pelo qual os russos pouco a pouco e por secções iriam restituindo a provincia aos chinezes. Debalde, porém, se esperou pelo cumprimento d'este tratado, que até hoje tem ficado letra morta, assim como a letra morta ficou a substancia das primeiras declarações. O Japão, sobretudo, que é das differentes potencias a principal interessada no assumpto, mesmo mais do que a propria Inglaterra, não perdeu nunca de vista a questão, e embora sem e sem efficacia tentou no entretanto obter a sua parte do terreno protestado, contra semelhante violação da letra dos tratados. Pelo seu lado a Russia ia respondendo sempre que a evacuação se estava realisando e que o que fôra ajustado se cumpriria.

Estavam as cousas n'este pé, quando subitamente o correspondente do *Times* em Pekin revela á Europa um novo projecto de convenção apresentado pela Russia á China, e de cuja aprovação depende que o governo de S. Petersburgo dê a ordem definitiva para a derré leve que negar ao sr. Hay a existencia da convenção e que n'esta convenção se inserem disposições, que utilisam as vantagens que as potencias e o Celeste Imperio tinham conseguido na convenção anterior.

Pôde bem suppr-se o effeito produzido em Londres e em Tokio por semelhante revelação. O proprio gabinete de Washington, embora declinando reunir-se a estas duas potencias em um protesto commum, protestou isoladamente e com tal firmeza, que o condôr russo, que deffé teve que negar ao sr. Hay a existencia da convenção, acabou pelo menos nos termos em que o correspondente do *Times* a telegraphou para a Europa. Pela sua parte o grande jornal londrino continúa a insistir na absoluta veracidade das informações do seu representante em Pekin.

O que d'este novo embroglho na questão do Extremo Oriente pouco deduzir-se, é que a Russia encontrando uma opposição, com que não contava para o passo que deu, recuou, e já se vê, para avançar outra vez em occasião mais opportuna. De resto está isso nas tradições da diplomacia moscovita.

CONSIGLIERI PEDROSO

ACTUALIDADES



caso Rainha-Louvet veio simplesmente provar que um modesto empregado de ministério pode abalar a politica internacional, pode provocar o rompimento, ou pelo menos estabelecer um mal estar diplomatico, entre duas nações amigas.

Prova mais ainda que a credulidade publica está sempre prompta a aceitar todas as más noticias, encontrando um jubilo inaudito em borlas-de commentarios, que as agravavam, e em tirar d'elles corollarios irritantes e consequencias nocivas.

A disparatada noticia telegraphica de que a Rainha de Portugal se recusára a receber o presidente da Republica Franceza achou echo em todos os espiritos e em nenhum d'elles raciocinio em contrario, como se o verosimil e o provavel estivessem no improvavel e no inverosimil. De forma que a possibilidade de ser falso o telegramma, ou porque a má fé deitasse, ou mesmo porque resultasse de um *mal entendu* qualquer, foi hypothese que se não alçou um cerebello algum, como se uma só estivesse de pé, se uma só prevalecesse: a da grosseria, e da incensatez.

E aqui tem bem nitida e encontrav-se a razão porque teve um effecto sensacional o discurso do sr. Arroyo na camera de loi. O sr. Arroyo tornou-se o porta-voz da opinião publica, o echo de toda a gente. A sua elevada situação e o logar onde interpellava o governo revestiam a sua palavra de uma auctoridade, de uma solemnidade, que não teriam n'outra parte. A sua eloquencia firmeza e o seu talento brilhante que se compraz em architectar phantasmas como se expozesse realidades, e que de principios que forja á maravilha extrae paradoxos que apresenta como conclusões indiscutíveis, tudo isso se accumulava para dar ao seu discurso um interesse de caracter nacional, e ás accusações e invectivas o que quer que fosse de *Solemnia verba*, em que por vezes Volney chorava sobre as ruínas de uma nação, por vezes Juvenal maldizia os reprochos com as suas satyras de fogo, e por vezes ainda, a voz desolada de todos os prophetas da Bíblia passava como um rasto de maldição entoadando pavorosamente o *Finitis Patrie*.

É claro que duas palavras simples, chás, de um dos ministros sobre os quaes desabava esta rajada apocalyptic, bastou para mostrar que é mal empregada a eloquencia quando visa um objectivo esquecendo-se de ter uma base e quando architecta phantasmas, sem se lembrar do que no mesmo tempo são certezas e as realidades falam alto e penetram fundo.

Deante da singella explicação que patia da bancada ministerial a ninguém restava duvida de que a velha locução *cerba solati*, acabava de ter na inflammas discurso do sr. Arroyo a sua applicação exacta. Explicava-se o incidente, aclarava-se o erro, e as coisas retomavam a sua normalidade e ficavam sendo o que realmente eram.

Logo no dia seguinte os factos vinham dar força ás aclarações, o chefe da França, regressado a Paris, visitava a Rainha em seu hotel e a Rainha recibia jubiloza a visita do primeiro magistrado da nação, que era a terra do seu nascimento, e que tão gentil e generosa fora sempre para a princeza Amelia de Orleans, como agora o estava sendo para a Rainha de Portugal.

E então, porque a versatilidade é uma das qualidades nativas de todos os espiritos meridionales e especialmente do nosso, fez-se de subito a transformação, e começamos a considerar a ultima das tollices o que hontem nos ergia como um axioma perfeito e uma verdade que nem soffria discussão.

Perante os factos reflectivos, e concluímos sem custo que devia ser impossível o que na vespera fora mais do que exacto. Não. Não podia ser. A sr.^a D. Amelia que tão altas provas de criterio tem dado, de tão atilado bom senso, podia lá desattender ou desconhecer com uma recteza, ainda que envolvida na mais apparente cortezia, a gentileza d'aquelle que legalmente representava a mais alta magistratura do paiz, com relação ao qual ella era ao mesmo tempo nacional e estrangeira, — estrangeira affectuosamente acolhida, por que juntou os seus destinos aos do soberano de um paiz amigo, nacional porque foi n'essa formosa terra de França que herdou o sangue de seus avós!

Podia lá a Rainha de Portugal esquecer o que devia á amizade do paiz que adoptou, á sua propria dignidade de Rainha!

Ao entrar na cidade de Paris, bem sabia ella que as suas amigas de infancia, que as mais nobres damas da velha aristocracia franceza, haviam de acolher-a com todas as demonstrações de sympathia e de amizade, e até no seu coração de mulher ficava mal não corresponder effusivamente a esse cordal acolhimento. Mas ao mesmo tempo, se os dictames do coração tinhão de ser seguidos, á intelligencia e ao bom senso da Rainha tudo aconselhava a collocar alto e em evidencia a responsabilidade que lhe advinha da sua suprema hierarchia na sociedade portugueza. E esta consideração lhe bastava para não com deferecias pagar as deferecias que lhe eram feitas p-los mais altos representantes das instituições francezas.

Dois movimentos de protesto assignalaram a quinzena que findou: protesto de politicos, protesto de vinctiltozes. Bom signal.

Ne estacionamos de opiniões e ideias que caracterisa o nosso tempo, n'esta attitude dos cerebros, sedentaria e inerte, tudo que se vibra como protesto, tudo que se impoza como accusação ou represalia, é um grito de vida. É uma revolta contra a impotencia e contra o marasmo. É uma alerta que se levanta, uma esperanza que nasce. E se esse protesto visa o governo constituido, ao proprio governo, se elle é composto de homens intelligentes e devotados ao seu paiz, deve esse protesto agradar, porque lhe prova que a nação vive, porque ella reclama, que a nação sente, por ella se agita, e as proprias ambições que se desencadeiam, e os excessos que se praticam, são ainda a contra prova d'essa vitalidade, são ainda elementos de força.

Os vinctiltozes de todo o paiz reuniram-se em Lisboa para dizer alto ao governo — Queremos! Vieram dizer-lhe mais: «O nosso vinho é do nosso sangue; é o producto do nosso trabalho e das nossas carceres, e é por isso mesmo a riqueza do paiz. Somos nós que contribuímos para a fortuna publica com o seu elemento principal; somos nós que valorizamos a terra, que lhe damos a maior quota de intelligencia, de capital e de trabalho. Somos um grande numero, aqui representado por uma parte limitadissima, disponmos de uma incalculavel força social. E, apesar de tudo isto, e apesar de sermos quasi tudo, somos ludibriados, postos de parte, como se não fossemos ninguém, como se não vallessemos nada. Pois bem. Chegou o momento de por as coisas no seu logar, de dar á força o seu justo valor. Reclamamos. Queremos ser attendidos. Não solicitamos favores; exigimos justiça. Ha na legislação erros que nos prejudicam. Ordenamos que sejam emendados. Ha proteccionismos que nos lesam. Anullem-se. Remedie-se o mal, visto que sabemos onde está e apontamos para elle. Pouham-se os interesses nacionaes acima dos interesses partidarios, porque o partido serio, honesto, forte e grande, é o da nação. Temos feito reclamações e temos recebido promessas, a que se tem seguido apenas falas e desenganos. Chegou o momento de converter essas promessas em realidades, de sermos attendidos. Se o não formos, e já, e de prompto, saberemos o que nos cumpre fazer.»

Isto foi o que disseram ao governo os vinctiltozes de todo o paiz. E com estas palavras, dictas de alto, em tom firme, e n'um accento decisivo, nós rejubilamos. E' que ha n'ellas sangue e nervos, e é por estar enervado e deperado que o paiz tem de ha muito o aspecto de um calaver.

O que d'ellas resultar dar-nos-ha a medida exacta da temperatura e das pulsões do paiz. Estas palavras são o thermometro nacional. Se depois da attitude arrogante dos vinctiltozes o governo cruza os braços e nada faz, e elles ficam silenciosos e inertes deante da inercia ministerial então é que a rhetorica n'este paiz vai mais longe ainda do que nós suppunhamos, então é que o paiz está condemnado a dissolver-se em phrases bombasticas, então é que perante taes saidas de sendeiro se tornam ridiculas taes entradas de leão.

O protesto dos politicos é o que se apresentou sob esta fórmula concisa: inaurigação do centro regenerador liberal.

Não rejubilamos menos, justo é confessal-o, do que com o protesto dos vinctiltozes.

E' que um novo grupo se forma, um grupo politico que se apresenta ao mesmo tempo com o caracter de um grupo fiscal. E' n'este sentido que o palmamos com ambas as mãos. Sob o ponto de vista de promessas e de programas passa-nos elle indifferente, porque apesar de não termos a idade de Mathusalem, temos vivido o tempo bastante para aprendermos que em politica não ha senão um programma: o das circumstancias.

São ellas que orientam, são ellas que determinam, são ellas que resolvem. Por causa d'ellas, pagam-se todas as promessas, mudam-se todos os pontos de vista, faz-se o contrario não só do que se annuncia, mas até do que, em boa fé, se desajou e quiz.

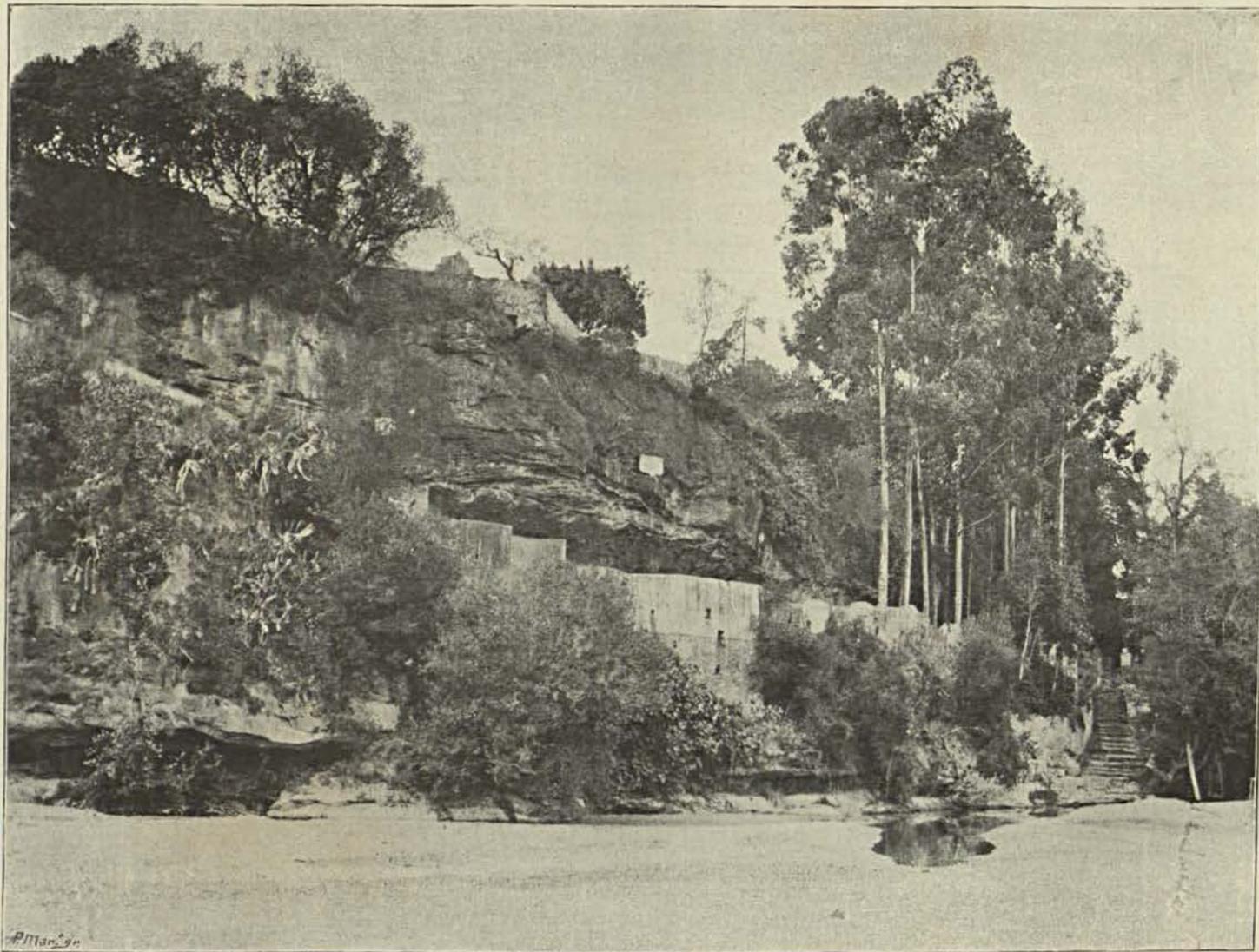
Como fiscalização dos actos do governo, que são os actos do adversario, sim. E' n'esse ponto que pode ter utilidade para a politica nacional um grupo que como o do sr. João Franco se apresenta constituido por homens entre os quaes alguns de valor, de posição e de caracter.

Diz-se com a politica a mesma coisa que se diz com os monopolios. A victimia é sempre o publico. A concorrência favorece, a concorrência bate-rata, a concorrência serve melhor.

Os dois grupos regeneradores, o liberal e o antigo partido de onde elle é oriundo, vão ser duas especies de diligencias de provincia, que disputam passageiros uma á outra, e chegam a offerrecer taes vantagens ao publico, que quando uma annuncia que leva de graça a outra, além d'isso, offerrecer ainda um charuto a cada passageiro. E' o que vai acontecer com os dois partidos politicos. Resta ver qual dos dois quebra primeiro. E é já de longe o *Brasil-Portugal* fica assistindo ao espectáculo.



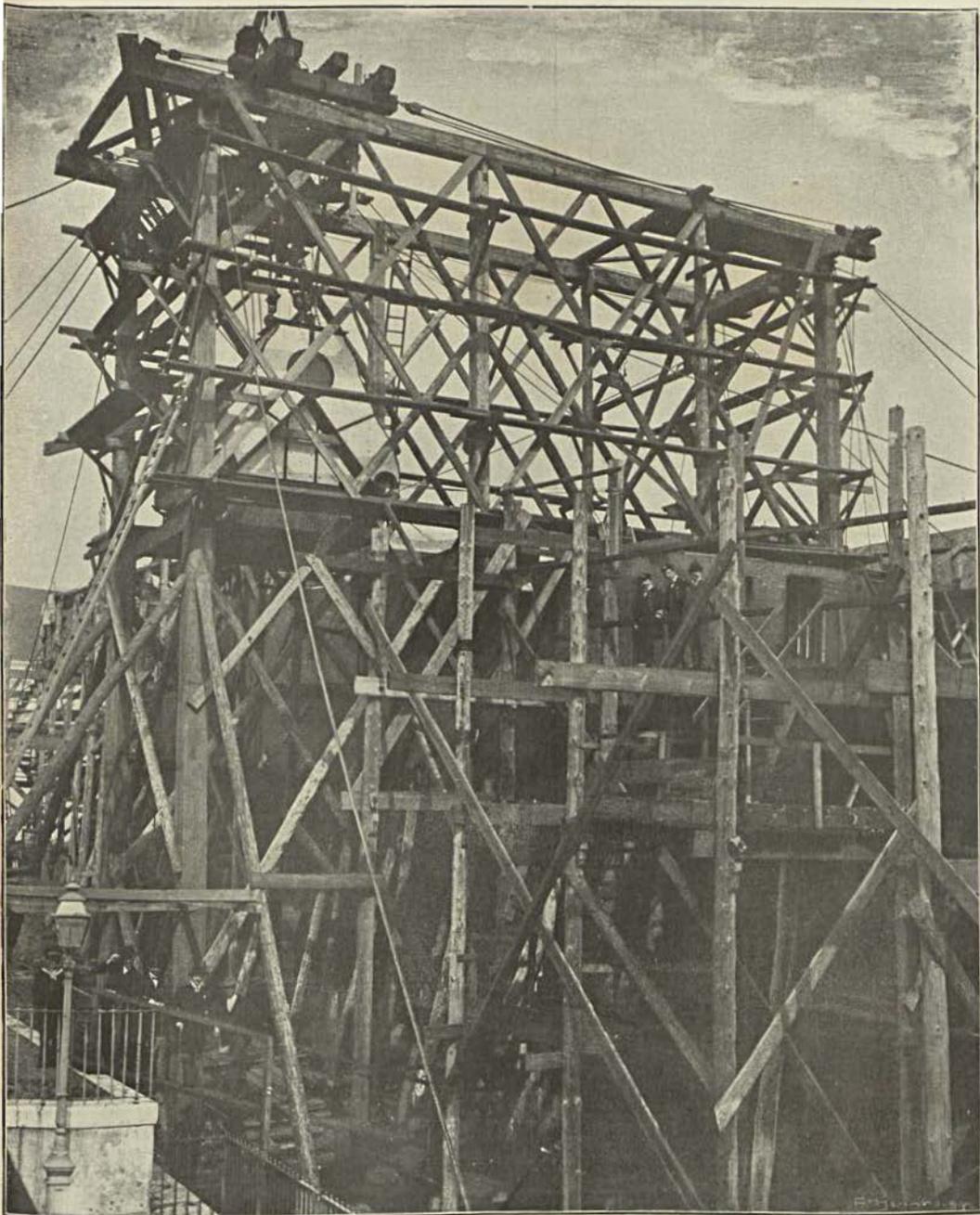
COIMBRA (Portugal)



Lapa dos Esteios

Existe aqui uma lapide commemorativa da visita de D. Pedro II, do Brasil

A construção da Canhoneira Pátria



Nos estaleiros do Arsenal de Marinha. — Manobra para introdução no navio das machinas e caldeiras

Seara maldita

Muito aberta para o pôr do sol, n'uma tonalidade amarelenta de soute no outono, feia, ruim como um chavascal, a Seara do Clemente da Arrifana começava á orla de um comoro, cujo solo, petreo, alvacento e todo minado pelas raizes bravias das tojeiras e urzes, era tão máu, tão amaldiçoado pela natureza, que não produzia sequer herva para apascentar a pobre grei de um caseiro. "Uma leira do Inferno, esse monte", como dizia a gente crendeira dos sitios. E era o, não só por esta ruidade, como por, de quando em quando, á noite cerrada, apparecer lá um bando de bruxas com candeias em labareda, tachos cheios de azeite estante, n'uma grande pyra, para frigar as creancinhas roubadas; sacrificio á Moloch, que as sibyllas mais farfaladoras faziam em vozes altas, loucas, raivosas, contra as mães precatadas que não deixavam sair os pequeninos filhos do regaço.

— De tal pa' uma tal filha.

Porque a Seara, a sair d'este monte como a filha de um ventre excorrido, por mais que recebesse o estrume, o arado, a semente, o sachó, a rega, a monda, a póda, o enxerto, e, para a grande fecundação, as chuvas bemfazejas, os sóes vivificadores; por mais que a filha do Clemente — de um trigueirinho das raparigas de Israel e muito frequentadora dos altares — rogasse aos altos ceus, fazendo este anno penitencia no Sameiro, aquelle em S. Torquato — era sempre negregada, nunca chegava a dar cogollo á pequena talha ou medida ao exiguo larar do lavrador; umas occasiões, nas de fatura, dex rasas de milho, cinco de feijão, tres de centeio, menos de trigo... E uras? nem para meo lagar! N'outras occasiões, ainda era peor. Uma desgraça!

N'uma manhã gélida de janeiro, estava o Clemente muito entredito no amanho de uns bacellos, quando viu subito perto de si o Antonio Sacrista. Com ares alegres, de quem pensa mais no fausto da Igreja do que na desgraça que anda triumphante cá por fóra, o Sacrista começou por dizer ao Clemente que havia razão de sobra para a Seara fecundar assim tão pouco, ser tão má na colheita.

Não se lembrava elle de que ella havia sido disputada, durante um'ror de tempos, com pedrneiras á cara, e Justiça na frente, ao seu maior inimigo desde a guerra de Maria da Fonte?

E, por ultimo, entre uma desgarrada de riso:

— Ora, se as suas terras haviam sido regadas com o sangue do homem que perseguiu e matou, certamente que ellas ficaram perdidas, para todo o sempre amaldiçoadas!

E o lavrador, na sua simpleza, na sua crendice de rude, lem

brava se dessa negra disputa e mais da morte, de que sentia a toda a hora o remorso a agulhoal-o; mas não se lembrara, ao haver a Seara por direito, depois de tamanho dispêndio com os homens da Justiça e de rondar, noites sobre noites, a terra litigiosa, de que ella trouxesse consigo o virus, a truculencia do seu ex-dono indevido, esse Theodoro Lobo, tão cheio de máus olhares, de máus palavrões, de peiores açôes.

Emfim, que falasse quanto quizesse das ruidades do campo; mas nunca por quem era, não tocasse nam de leve no nome dessa mulher, porque cada som que lho fizesse recordar, seriam vnos punhadas que recelia no peito.

O Clemente era viuvo, pae dessa prenda campezina, Emma — a Moirinha do Arrifana — como a conheciam. De superstição pessimista, muito amigo de cumprir os seus ajustes, e portanto, sempre com os olhos attentos no dia seguinte, o lavrador via se louco, um ser arrengado, quando a moeda lhe escascava, o que o levava a só pensar na renda mesquinha do seu trabalho, na sua ruína constante, firme, que, como um peccado eterno, que nem as rezas e as penitencias diarias apagam, o perseguia, ligado ao remorso, ha tantos mezes, annos e — quem sabia? até o levar á tumba.

Emma, quando o via a moer-se n'esta penitencia, com as meninas dos olhos muito humildes, soffredoras, procurava, n'um espargir de risos e encantos, desviar o pae para a Felicidade, fazel o ditoso ao menos por momentos, segundos...

— Deixa-te d'isso, Emma. Eu bem sei que maldição soffro. Só acabará, ouves, meu anjo? quando a terra me esconder. Bem o sei; e a culpada, se o sei! é a Seara, essa excommungada, que só nos dá trabalho de moiros!

Transida de martyrio e descrença, Emma calava-se ante esta crenga do pae. E depois, mudos, ambos estacavam os olhos humedecidos no chão.

E n'este momento a ideia supersticiosa do lavrador corria delirante, magoada, por sobre o extendal da maldição da Seara.

Vinhom os lindos ceus da Primavera, pensava, e cheios de pena, toldavam se nas alturas da Seara; voltavam, em melodias divinas, as aves do exotio invernal, e, julgando-os peçonhentos, não procuravam os galhos das suas arvores e o painço das suas margens; passavam por baixo dos pampanos, de ganchos em punho, os rapazes amigos do furto, e não se resolviam a arrancar um cacho; entovam nos campos d'alem as cantigas alegres ou elegiacas das raparigas na monda, e o vento, que tudo conduz, e que as levava aos outros campos, espancava-as logo que chegavam aos seus muros; apparecia o phyloxera e era as suas vides que mais atacava; vinha a secca e, como lingua de fogo, crestava-lhe todos os verdes; caíam as geadas e, emquanto que nas outras terras alastravam delgadas chapas vitreas, nas da Seara estendiam grossas lagens opacas; chegavam os equinoxios e era nella que despejavam as mais pesadas cargas d'agua, de granizo, e os mais derrocadores ventos.

Depois a visão do lavrador fugia para a degeneração diabolica da Seara; e via esta de alliança perpetua com Theodoro Lobo, sempre a vingal-o, sempre iniqua para o novo dono, — dando silvas e ortigas por todos os cantos, jolo em vez de trigo, cruzeas mirradas em logar de frondeas vicosas nos galhos dos salgueiros e carvalhos.

Já bem caldeado na magua do seu infortunio, e esperançoso e risinho, o Clemente foi um dia supprehender a filha, na rega.

— Pela agua que corre na sanja, vejo que estás a acabar, Emma. Rega, minha filha, a ver se este anno havemos bo ceifs.



D. Fernando de Sousa Coutinho

Ultimamente agraciado com o titulo de Marquez de Borba, official-mór da Casa Real, agronomo, e vogal da Junta do Credito Publico. Representa as mais antigas casas nobres de Portugal; Borba, Valença, Redondo, Busto, Aguiar, Soave, etc.



D. José Luiz de Sousa Coutinho

Filho primogenito do marquez de Borba, neto do Conde de Vimioso ultimamente agraciado com o titulo de Conde de Redondo e Vimioso, tendo sido, dias antes nomeado official-mór da Casa Real

— Quem dera! Mas, qual, estou a ver que será como a dos outros annos, meu pae: p'ra'hi um milgalho, que não dará nem p'ra meio ano do nosso sustento. Já estamos nas ultimas regas, e olhe só p'ra estes mielhos: fraquinhos, fraquinhos. Coisa assim! ..

— Tem fé, rapariga, e verás que os ceus ainda nos despejam este anno fartura; tem fé e verás que nem sempre a escassez anda com o necessitado. Ora, queres tu ver uma esperanza da nossa proxima fartura? an? Queres?

— Ah! .. mostre-m'a! .. Aonde?

— Por cima da ribanceira. Lá está a macieira toda carregadinha, a fazer-nos negações com uns fructos muito vermelhos, muito saboridos.

— Mas ..

— Mas ... digo eu. Deixa lá esses malditos *mas* e, logo que acabares d'aqui, vae-me buscar um avental de maçãs, das mais coradinhas, d'aquellas, percebeu? de fazeres: inveja ás faces da Diolinda da Quinta, conhecidas por cá como as mais provocadoras dos beijos ..

— Ora, deixe-se de graças! E, com'assim, já que me lembrou o nome della .. lá vae uma novidade: o José do Alpendre pediu a hontem.

— Ora .. Tens pena, inveja?

— Bem sabe. Eu ..

— Sei. Mas agora — adeus minhas encomendas, e logo, á merend', as maçãs na toalha de estopa; percebeste? Mas ouve, cuidadinho ao treparas; olha que aquella ribanceira é'gum precipicio, uma boca escancarada da Morte.

— Como o sol, rutilo e jucundo, já estava a prumo sobre a terra abraçadora de agosto, Emma não tardou a ir ás maçãs, sempre a pensar no casamento do José.

A borda do campo, irrompendo d'entre dois castanheiros novos, bella de verdor e rubro, a macieira ostentava-se sobre uma ribanceira medonha, no principio calhaus hiantes mostrando o seio escuro, no meio carraços crivados de espinhos aguçados, no fim, que ia ter a um paúl, silvados espessos.

Emma, ao avistar este bárathro, teve um tremor de medo; mas logo o desfec com uma cruz que traçou no busto contraído. Depois



Exposição de rosas — O Pavilhão

foi para a macieira e alguns lichens cor de prata rolaram do tronco: a trepadora estava em cima. Ao som de uma canção alegre, começôu a apañar.

A sombra da macieira, na terra da Seara, já estava com bastantes frutos quando Emma, sorridente, se lembrou de formar uma pequenina *reserva* no avental. Avistou duas das mais lindas *sempre-noivas* e apañou-as. Já descia; mas, num galho do lado da ribanceira apontou, tentadora, bella, outra das *sempre-noivas*. — O!, que linda! disse Emma, mordendo os rosadinhos labios, com vontade de a possuir. E logo: — Quero a! em palavra expedita.

E a sua vontade, treda como a serpente biblica, levou-a a estender o braço ao pomo appetecido.

As pontas do avental suspensas na cinta, para que guardassem as duas *sempre-noivas*; a mão esquerda agarrada ao corpo da arvore, com a outra mão. Emma, devagarinho, e cariciosa, principiou a vergar o galho. Não se vendo segura, deixou-o depois de meio arqueado. Firme, prendeu-o novamente, para de repente, sentir um forte repellião, que a levou á palidez e lhe tirou as maçãs do avental. Vestigios de pena e delicada raiva appareceram no rosto de Emma ao vel as rolarem pelo despenhadeiro. Ligeira, mesmo arrogantesinha, prendeu pela terceira vez o galho atrevido.

Já o vê todo vergado, todo seu; mas não vê ainda na sua mão o corpo desejado da maçã; mais um pouquinho e tel-o ha conquistado!

Conquistou-o? .. Não.

Mas, á Moirinha, conquistou a a Morte: porque o seu corpo, mais infeliz que o da maçã, estrondejou na ribanceira com novo repellião do galho indomavel. Como era maldita a Seara!

Rio de Janeiro.

Costa Macedo.

Amor-Perfeito

Um dia disse-lhe eu, timidamente:

— «Se a morte agora me roubaesse á vida

E ao teu amor ardente,

O que fazias tu, minha Querida,

Vendo cabir assim, de tanta altura,

O teu castello de illusões, desejo?»

E Ella disse: — «Far-me-ia sepultura,
Abrindo-te o meu peito ..»

RIBEIRO DE CARVALHO.



Exposição de rosas — Um trecho interior

Poeira de Lisboa



Quizera que estas chroniquetas, em que falarei das coisas mínimas de que os jornaes se não occupam, das hastes floridas e das bocas vermelhas, de uma silhueta graciosa que passa e de um sorriso que brilha, tudo que é perfume e musica e cuja vida não modifica o pensar angustioso das chancellarias, não altera a paz dos povos e a pesada somnolencia dos governantes, quizera que estas chroniquetas, ia eu dizendo, tivessem o palor lunar das vias lacteas ou o brilho ardente d'uma batalha d'astroncos com o céu por corso e os seraphins por combatentes.

Poeira de soes ou de joias, ou de flores que se desfolham e que eu para aqui trouxesse com todo o aroma e o fulgor, petalas de rosas e lascas d'esmeraldas, pó dos narcisos brancos, *reloutine* de fadas, faiscas d'um fino incendio de *ricières* de brillos! Mas Lisboa pacifica, bonacheirona, entre os reques de oiaias da Avenida e os doiraes do D. Amelia, terá nos olhos o brilho magico, nos labios vermelhos a voz musical e na enrhythmia dos gestos, nas sedas e nas musselinas, a gomma que prende os desejos e cria as imagens novas, como um jardim em risonha primavera?

Talvez . . .

E sou eu que sei ver e não possuio a viveza e a graça de linguagem para exprimir o encanto leve e fino, palavras ligeiras que digam a leveza d'uma renda sobre um crepon, pincel que pinte um collo branco onde lilazes desmaiam lentamente.

Procurarei mostrar-vos a tragedia mysteriosa que dia a dia acotovelamos sem a ver, os aristocraticos gestos que morrem mal se esboçam ante os olhares indifferentes, a belleza da côr e a belleza da linha.

A Taberner a dançar no D. Amelia! Quantos olhos ficam presos n'essas attitudes que se succedem, provocantes, exhalando uma lascivia extrema? Toda ella se agita em langor, as curvas accentuam-se, reflexos d'oiro no cabello farto que brilha á luz dos auers e nos largos olhos um sonho d'amor. Parece que tombam das suas mãos e da sua bocca vermelha flores venenosas a entontecer-nos e a accender em nós todo o desejo, n'uma dança em que, mostrando apenas a ponta do pé, ou um dedo de meia clara, se torna uma tentação de santo, invencível!

E' uma dança sagrada d'um velho culto asiatico.

Assim deviam dançar nos mysteriosos bosques que escondiam os templos, as sacerdotisas da Venus chaldaica em honra da Deusa. E os corpos nós cobertos apenas por joias, não teriam mais lascivia que a dança hespanhola, ao som da musica cadenciada, que dir-se-hia composta com os beijos que os damnados dão, mordendo. . .

A figurinha fina que passa n'um vestido vermelho e leve, como se a cabechinha rischna nascesse d'uma papoila!

O encanto d'essa face fresca em que o riso nasce dos labios vermelhos, com a viveza e a graça d'uma flor, torna-se maior, pelo largo chapéu vermelho, que a incendia, e por toda a aristocracia do corpo esbelto e magro, e dos olhos escuros que acariciam, que sorriem á vida, ás arvores copadas da Avenida, ao céu azul!

E' a esperança da Alma portugueza que se abre nos seus olhos negros, que ri na bocca pequena. . .

E ella pensa na victoria rapida e brilhante, contente pela tarde ser ensolada e o ar transparente, contente por sermos muitos a admirar-lhe a belleza, contente por ser formosa, feliz emfim na vida, como uma rosa que desabrocha, maravilhosa e perfumada, n'um jardim maldito e tudo julga á sua imagem e semelhança.

Tem o mesmo riso para todos, não o riso postiço da cortezá ou da ballarina, mas o que nasce da alegria, um riso para si propria.

Mas a victoria passa, e no alto ella desaparece — a mimosa flor de carne e rendas — como um perfume que se evapora. . .

Vi um velho mendigo, trigueiro e esqualido, hontem, que atiron longe, n'um impeto, o seu bordão e se deitou na rua a beijar, muito tempo, as pedras da calçada.

Reuniu-se gente, garotos que lhe dirigiam chufas, os moços da esquina proxima, um grave conselleiro, reporters, de lapis em risse. Um policial julgando-o bebado, quiz prendel-o, mas o mendigo levantou-se, os olhos em lagrimas e explicou:

— Foram as pedras em que ella põe os pés.

Ella tinha passado, no seu andar ligeiro d'ave, indifferente aos nossos olhares presos á belleza perturbante e moderna, á finura d'aquelle perfil, delicado como um bronze florentino. E, mais philosopho do que nós, o mendigo tivera alguma coisa do seu perfume: soubera contentar-se.

Nós atiramos a alma para muito alto, em desastrosos vôos d'Icaro e por isso a temos alvejadinha, como os mendigos que nos arrayaes do Minho se atiraram pelas estradas a pedir, em cantilenas chorosas, os *derecishos*.

Porque nos não havemos de contentar, como o mendigo, com o beijar as pedras do caminho por onde Ella passou?

As senhoras vão, em geral, aos theatros, em cabello. Os penteados modernos não são d'uma surprehendente belleza e as nossas elegantes não sabem arranjar o delicado poema d'um penteado em que as pedrarias são rimas brilhantes.

Não é mais lindo o chapéu? As Virot e as Garbin tecem, como fadas, maravilhosa e ligeiras teias, leves como espuma, raramente floridas, todas em gazes e em rendas, que dão ás cabeças o aspecto de flores.

As cabelleiras loiras, em *torades* postas sobre a nuca levemente doirada, brilham atravez as rendas finas, e essas mysteriosas tranças negras tem mais mysterio e mais encanto sob a neve das transparentes gazes.

Quando lançassemos a vista, cansada de ver a Vida, pelas frisas e pelos camarotes, teriamos a impressão de ver jardins aereos, canteiros de flores, finas e fragéis, como se as nuvens se florissem d'anêmonas de seda.

HENRIQUE DE VASCONCELLOS.



Dr. Henrique de Vasconcellos

Valentim Magalhães

Morreu Valentim Magalhães, o poeta e o folhetinista elegante do Brasil. Chorámos o amigo devotado, que foi um dos colaboradores dos primeiros tempos do *Brasil Portugal*, e que muito de perto conhecemos.

Pallido, esguio, meio curvado, quasi um velho com quarenta e poucos annos, Valentim Magalhães era encantador na intimidade, sem a mordacidade que revelára nas suas satyras, a que elle chamava pittorescamente *rapaziadas*.

Instava na prosa correcta e ligeira, *algo venenoso* nos versos ironicos, havia nas suas produções o que quer que fosse de profundo e de analyse que se impunha, senão pelo brilho, pela justeza de observação.

Na *alma*, o seu melhor trabalho talvez, e que mereceu louvores rasgados da critica, Valentim Magalhães mostrou bem a dose de sentimento da sua alma boa. Era um hom na santa accepção da palavra, e era um triste. Nos dias de prosperidade, ou de alegria, conservava sempre esse *hié* de melancolia e de desalento, que em vão pretendia occultar, tentando reviver a viveza dos tempos idos, dos tempos saudosos na Academia de S. Paulo. Foi em S. Paulo que o seu espirito se formou e de lá saiu com Olavo Bilac, Coelho Netto, o malgrado Silva Jardim, Assis Brasil, Raymundo Correia e tantos outros poetas e proadores. Se nos não enganamos, Valentim Magalhães publicou o seu primeiro trabalho — *Cantos e Luctas* — em 1884. Não era um livro propriamente sentido: resaltava d'elle a leitura de Victor Hugo e de livros realistas. No entanto havia n'essas paginas muita pujança e muita individualidade. Não era um livro escrito sob a influencia do paiz quente em que nascera: *dir-se* ia pensado e forjado em plena Europa. Vieram depois outros trabalhos de mais folgo, mas que não corresponderam ás suas excepcionaes qualidades de trabalhador infatigavel, dotado como era de uma illustração pouco vulgar. Todavia os seus livros marcaram-lhe um lugar honroso na litteratura brasileira, a par dos seus antigos condiscipulos de S. Paulo.

O visconde de S. Boaventura, referindo-se á sua morte prematura, diz:

«Pode dizer-se d'elle o que se disse d'um, aliás notabilissimo, escriptor nosso: não foi um grande critico, nem um grande poeta, nem um grande dramaturgo; mas a parte que tomou de cada um d'estes predicados constitue um cabedal, que muitos invejam e poucos possuem.»

E publica o seguinte soneto de Raymundo Correia, dedicado a Valentim Magalhães, que transcrevemos:

Tu na satyra és rápido e ferino;
Vibras da nova lyra as cordas aéreas,
É igual ao do auctor da *Musa em ferias*
O fragor do teu verso alexandrino.

Falga, sempre bello e peregrino,
Nos folhetins, nos contos, nas piberias,
Nas leves coisas e nas coisas sérias,
Teu espirito rico e superfluo...

Disse-me um dia o Arthur que és mais artista
Do que outra coisa; mas não acho recta
A idea, embora n'ella o Arthur insista.



Mezmo não sei ao certo, e isto me inquieta,
Se és mais poeta que folhetinista
Ou mais folhetinista que poeta.

Valentim Magalhães creou, no Rio de Janeiro, onde se fixou, a *Se-mana*, de vida ephemera. Nos ultimos tempos, pondo um pouco de parte a faina litteraria, lançou-se n'um elemento mais pratico e fundou, com grandes probabilidades de exito, a companhia de seguros *Economica*, de que era presidente. Revelaram-se então a toda a luz as suas aptidões de trabalho. A companhia progrediu rapidamente ao seu impulso e tudo leva a crer que progredia, dadas as bases em que se firmou.

O *Brasil-Portugal* pranteia a morte de Valentim Magalhães, o amigo e o seu intelligente collaborador, e, como derradeira homenagem, reedita os versos, que o poeta lhe offereceu e que foram publicados no nosso numero de 1 de junho de 1899.

El-os:

Barcarola

Desce, de pedra em pedra, minha amada,
Vem a mim, com cuidado — de vagar;
Da tua a hostia de pura immaculada
Sobe das ondas turbidas do Mar.

As saias colhe, na arvia fria,
Pisa de leve. Cuidado! Vem!
Ouve das ondas a symphonia...
Toma-me o braço, firma-te bem.

Juntos estamos, vê? N'este rochedo
Sentemo nos agora, em frente ao Mar.
Confa-lhe sem pejo o teu segredo;
Que o meu segredo vou-lhe confiar.

Rompendo as nuvens, aluminente,
O plentiano desbrochoo;
Luz inmenso, que, de repente,
De claridade tudo inundoa.

Segredoa? Pensas que é possível tel os
Junto do grande falador — o Mar?
Nem precisas de ouvir p'ra conhecer os,
Pois sabe os corações adivinhar.

Escuta: as vagas, muitas orelhas,
Balem-te as plantas, balem de amor;
E nas areias brincam scotelhas
Como phalenas n'um prado em flor.

Confessemos-nos, po s, ao grande amigo:
O Oceano é um confidente singular...
Quantos dramas de amor guarda consigo!
Querida, confessemos-nos ao Mar!

Olha-me aquella branca falúa
Como delicia, corre subtil...
Senelha, curva, na luz da lua,
Luz de prata n'um céu de azul.

Vamos, conta sem medo, minha amada,
Teu gozo e teu supplicio ao velho Mar...
Entrega-lhe a tua alma conturbada
Que ha de o monstro a tua alma socegar.

Boitam nas ondas negras e inquietas
Phosphorescencias, vagos clarões...
São esperanças mortas de poetas,
Folhas destróyos de corações.

Que me amas, querida, confessaste,
E que te amo acabou por confessar.
Apenas tal ouviu, não reparaste!
Aos nossos pés veio estender-se o Mar.

Gemidos passam nos frios ventos,
Selvicos harras, tremullos ais...
São talvez preces ou juramentos
Dos que não ríam nem juram mais.

O Mar veio dizer nos brandamente,
Falas de amor ouvindo-nos trocar:
«Amae vos, filios meus, eternamente.»
E jurámos-lhe sempre nos amar.

Meu Deus! que estranha, fria risada
Passou nas ondas, perdeu-se além...
Oh! como tremes, minha adorada!
Toma-me o braço, firma-te bem.

Um gato de dez annos

Numa noite quente do Fevereiro quando já se espalhava pelo ar o perfume inebriante das violetas e narcisos, o rio Arno, prateado pela luz da lua cheia, sorria sob as arcadas da Ponte Vecchia.

Debruçado no parapeto estava um rapazito que contemplava silenciosamente a agua.

Aos troços de palha de milho e á sarapilheira que os cobria, e que constituíam a sua miseravel cama, preferia a radiante claridade da lua, e a brisa nocturna, serena e delicada.

Cerca de uma hora da noite, exceptuando algumas carruagens que de quando em quando passavam, tinha cessado todo o movimento no Caes do Norte, onde suspirava, sonhava, vaga e inconscientemente aquella creança que outr'ora fora feliz.

(Como esse tempo lhe parecia distante!)

Já não tinha mãe; já não tinha pai, que usava de um nome nobre e antigo, e a elle chamavam apenas Lillino.

Como unico amparo restava-lhe pois a avó velha, doente, presa a uma cama n'um quarto em Oltrarno, onde vivia com ella, sustentando-a e a si proprio com um pequeno negocio de phosphoros que arranjára.

Era um lindo rapaz, olhos escuros, caracos doirados, sorriso tão insinuante e sonhador, que rara era a creança ou a mulher que lhe não comprasse, raro o cão que ao passar o não lambesse.

Ao contrario do *muñeco* que negocia, ajusta, pede, persegue, grita pelas ruas das cidades italianas, elle era silencioso e acanhado, afastava-se dos companheiros de venda, nunca dirigia a palavra aos freguezes. Erguia apenas as pesadas palpebras pestanudas, sorrindo, se era bondoso o olhar que se cruzava com o seu.

Os seus allegres companheiros troçavam no, zombavam d'elle, por desdem tratavam-no de *signorino*, mas ainda assim, nunca o maltratavam.

Havia no rapazito qualquer coisa que os dominava, e irradiava de elle tanta doçura e singeleza, que impunha respeito aos outros.

Um d'elles chamava-lhe *Il bimbo Gesù*.

Ao nascer morrera-lhe a mãe, e o pai tendo perdido toda a fortuna ao jogo, suicidára-se: a creança, fructo d'um seu amor secreto, tinha sido entregue a uma ama, optima mulherisinha, proprietaria d'uma quinta no Val d'Emma.

Cuidaram desveladamente do pequeno durante sete annos; n'essa occasião o homem abandonou a mulher e emigrou, fallecendo ella um anno depois d'uma infecção palustre.

Ficou, pois, sem nenhum o rapazito, entregue a uma velha a quem chamava avó.

Viviam um para o outro, amando se reciprocamente, a creança com todo o abandono e confiança de quem se sente desamparada, a avó com a fôrça e a ternura de quem tambem se sente o unico amparo e conforto.

Foram postos fóra da quinta, e ambos vieram procurar trabalho á cidade, vivendo a velhinha da sua costura, e o pequeno do negocio de phosphoros.

Contava elle agora dez annos, e só então principiára a faltar a vista á avó e a incharem-lhe as pernas, o que a obrigava a ficar na cama.

Tiveram de se limitar ao modico rendimento da venda dos phosphoros, mas lutaram com a negra miseria, tragica, medonha.

Um por um foram vendendo os pequenos objectos que tinham trazido do campo, guardando unicamente os farraços que os cobriam e meia duzia de coisas mais precisas. E teriam decerto morrido de fome, se lhes não valesse a caridade dos transeantes, que atraídos pela estranha belleza de Lillino, trocavam uma caixa de phosphoros por esmola que lhe depunham na misoita.

Lillino nunca a pedia, o seu corpo estava ali presente, arrastado e pelas ruas da cidade, mas a alma trazia a mergulhada em profunda e nostalgica saudade dos seus montes que deixára havia tres annos, mas que jamais pudera esquecer.

— Vamo-nos embora, avó? vamos? dizia-lhe continuamente.

Mas a pobre entreavada apenas murmurava para si sozinha.

— Como, avó? Não vê que estou aqui presa, amarrada e esta cama d'onde me não posso mover? e que quando mesmo o pudesse, não teríamos lá viva alma que nos ajudasse e nos socorresse! Olha, talvez que, se Deus me levasse para si, tu fossas mais feliz, meu pobre Lillino!

— Quem sabe se viria algum de coração bondoso que te levasse d'esta terra tão horrivelmente triste, onde ha tanto barulho e tanta poeira, onde sobra tanto para os que teem e faltam até migalhas para os que morrem de fome!

— Não morres avó? não me deixe só? bem vê que não tenho mais ninguém no mundo!

— Mas, meu pobre pequeno, para que te sirvo eu? Que prestimo terá, meu Deus, um miseravel côpo como eu?!... E pousava lhe de mansinho a mão na cabeça, abençoando-o carinhosamente.

E no entanto aquella miseravel velhinha, era o seu amparo; perdendo-a, perdia tudo.

Lillino bem o avó, e por isso a ideia da morte da avó o fazia estremecer; todas as recordações, todas as imagens da sua infancia risonha, lhe appareciam ligadas a ella; brincar com os patos no riacho, procurar agriões, apanhar castanhas, azeitonas, morangos bravos, todas as occupações da sua alegre creancia, acudiam-lhe á memoria, trazendo-lhe o perfume deliciosamente sadio e fresco da vida de campo.

E, ligada a esse mundo de recordações queridas, amava sempre a avó boa, dedicada e útil a elle e a todos... E agora?

Lillino via a estendida n'uma cama, dependente absolutamente d'elle, que comprehendendo a sua situação daria tudo para a allivar.

Ignorando as circumstancias do seu nascimento, julgava-se intimamente ligado a ella pelos laços do parentesco; a ama a quem chamava mãe não duvidando sequer de que o não fosse, morrera sem ter tido animo de lhe revelar a sua origem; receava perder o coração do pequeno a quem queria como filho, e assim ia addoando indefinidamente a historia do seu nascimento.

A morte inesperada poupou-lhe essa revelação, que aliaz de nada serviria para a creança abandonada.

Não seria decerto menos pobre, menos miseravel, e o fundo d'orgulho e virilidade que a sua ignorancia abafava, ter-se-ia decerto revoltado contra a ideia de pedir auxilio áquelles que o tinham desprezado.

Doente, miseravel como era, aquella pobre velhinha era pois o seu unico affecto: queria-lhe com toda a ternura, toda a vivacidade da alma, e animava-o a ideia de que se a levasse para o campo restituíra-lhe a antiga fôrça e a saude perdida.

— E tu? não seria decerto de quem lá melhorava?, pensava o pequeno que se conservava encostado ao parapeto da ponte e fitava distraidamente o reflexo do luar sobre a agua prateada!

Mas como levai-a se era velha e entredava?

Só um milagre a poderia pôr de pé. E Lillino que acreditava em milagres como se elles fossem parte natural da vida quotidiana esperava com uma certa confiança.

A verdade era que nunca os vira em realidade, nem pelas ruas se lhe depararam, que apenas os viu em esculturas das egrejas os representavam, e que do rude contacto com a vilanagem da rua, lhe tinha surgido a ideia de que o dinheiro era a causa inicial de todos esses milagres.

Pois o que era senão um milagre poder com um bocado de papel velho e sujo arranjar pão para os esfomeados, e vinho para os fracos, — haver uma vil moeda de cobre que só de passar de mão para mão, fizesse todo o bem?

— Que dera tanto a uns e tão pouco a outros?

Estranha desigualdade esta que atralaphava Lillino, enorme injustiça que o confundia, assim como atravez dos sonhos, confundia os sabios, sem que nunca conseguissem equilibrar a balança!

A intelligencia do pequeno tinha sido pouco cultivada; portanto por mais que procurasse esclarecer as suas ideias, apenas de entre a confusão sobressahiam estas duas: a avó melhoraria se fosse para o campo, o dinheiro seria o meio que o transportara para lá.

A noite silenciosa, a lua mirando-se no rio que o reflectia, tinham uma singular atracção para o pequeno que se conservava encostado ao parapeto. Teria ali ficado se não receasse chegar muito tarde a casa, e portanto seguiu vagarosamente pelas ruas tortuosas, até chegar a uma das mais velhas do bairro d'Oltrarno, onde vivia.

Apesar de estar projectando-se no chão mostrou-lhe claramente um pequeno objecto brilhante; apanhou-o, e viu que era uma bolsa d'ouro cheia de moedas tão bonitas como só as via nas montras dos cambistas.

Era um presente de sua mãe, ou de Nossa Senhora? era um milagre, uma resposta á sua supplica: nada mais lhe ocorreu ao espirito.

Agarrou convulsivamente na bolsa, metteu a mão pela abertura da camisa escurçada, e com os ouvidos a latejarem-lhe, o coração a bater, a garganta secca, tremulo de commoção, deixou a correr para casa.

Não havia duvida, tinha sido a mãe que lhe ouvira a supplica; durante a vida era sempre ella quem o ajudára, era natural que fosse agora tambem quem o viesse tirar d'uma situação apertada!

Sempre lhe tinha ouvido dizer que se não devia fazer uso d'aquillo que não era nosso, mas que a bolsa encontrara a caída no caminho, tinha sido ali posta por uma mão caritativa, era uma dádiva do Ceu: não lhe restava a mais pequena hesitação.

Assim pensando, chegou á porta de casa, e emquanto apertava a bolsa contra o peito n'um transporte de alegria, principiou a subir, com os pésitos cansados e doridos, os 93 degraus de pedra que levavam á porta do seu sótão.

Lembrando-se de que a avó pudesse estar a dormir, levantou devagarinho o fecho da porta e abriu-a.

Fôra a festa que seria de janella, destacava-se na claridade, a miseravel cama de palha, onde a pobre velhinha estava estendida de costas, tendo desenhado no rosto e em todos os traços da velhice, uma expressão de paz e de profundo socego.

— Está a dormir, pensou o pequeno, e seria uma maldade acordal-a, mesmo que seja para lhe contar a nossa felicidade... E, pé ante pé, foi sentar-se na sua enxerga, cahindo de novo em profunda adormecida.

Aquelle dinheiro proporcionava-lhe emfim a realisação dos seus mais queridos projectos. A verdura dos campos, os seus montes viciosos já lhe não pareciam afastados, antes os via, ali a dois passos, até julgava sentir o delicioso perfume das arvores em flor, e ouvir o doce murmurio das aguas do riheiro.

Perto d'elles morava um carroceiro; iria procural-o, e em troca d'uma d'aquellas bellas moedas d'ouro, arranjaria uma optima condução para a avó; o dinheiro remediava tudo. D'isso é que a pobre creança estava inteiramente convencida.

Podia comprar outra vez a quinta e cultival-a, ver as forças da velhinha augmentarem a pouco e pouco, ter uma misera diaria d'acção de graças, rezada na capelinha do olival. Estas visões de felicidade deslumbravam o, fazendo-lhe esquecer a fome e o cansaço d'aquelle comprido dia de trabalho.

A lá parecia fatal-o por entre o arvoredo, sorrindo-lhe carinhosamente; deitou-se na enxerga e estendeu os braços por tal forma

que ficou abraçado ao corpo immovel da avó, descansando as mãos, que seguravam o dinheiro, sobre os farrapos que a cobriam.
«Que alegria ella vas ter quando souber que estamos ricos!» E com esta ideia tambem elle adormeceu e sonhou com anjos, com fontes de luz, com canticos de passaros maravilhosos, com atalhos frescos e floridos, com claros ribeiros ondulantes e com a mãe, que presidindo a tudo isso, lhe sorria dizendo:

«Foi Nossa Senhora que cá me mandou!»

A luz elevando-se no céu deixou de o illuminar e á avó, e de agitado que o seu somno era, tornou-se pesado e profundo.

Pouco depois uns passos fortes no chão ligeado do quarto, acordaram-no repentinamente e em sobresalto.

Uma mão dura e aspera poliou-se lhe no hombro, outra arrancou-lhe a bolsa que conservava apertada entre os dedos, enquanto que uma voz grossa e rouquenha dizia:

— Cá está o ladrão! olhem a bolsa da senhora!!

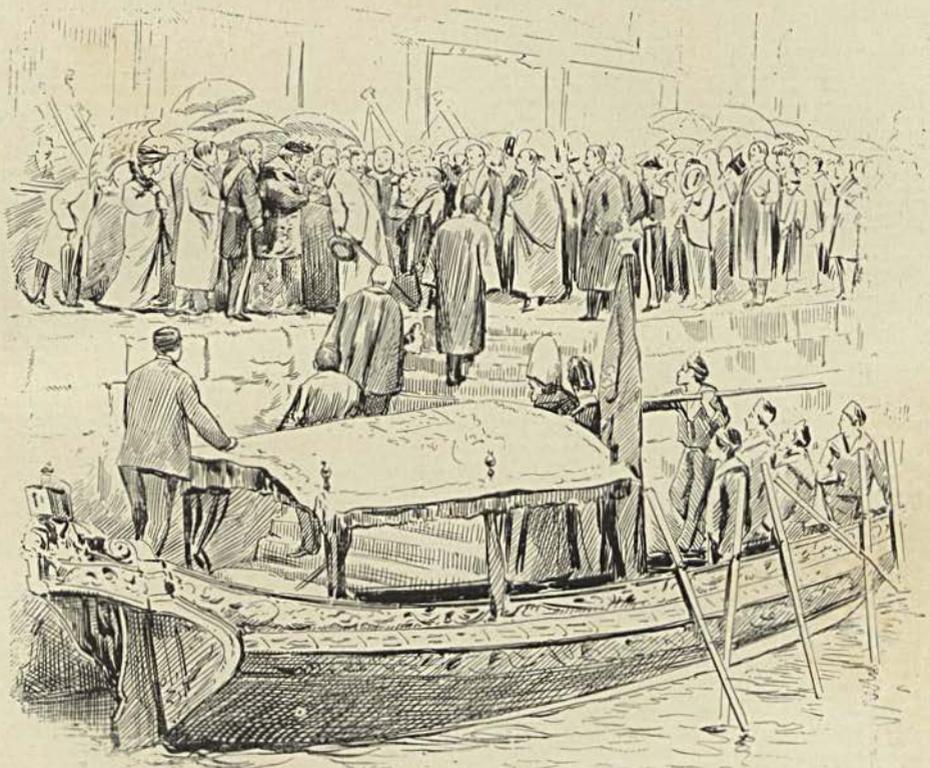
— Ora o maroto! e brejeiro! então não se julgava elle salvo por estar ao lado d'uma morta!! gritava outra voz ainda mais dura!!

Tennyson.

quer sempre condensar a riqueza com a mesma pressa com que caminhava os comboios expressos ou as noticias pelos fios telegraphicos.

A velha formula romantica «o teu amor e uma cabana, substituiu hoje a escola realista est'outra, se não mais sentimental, de certo mais agradável: o teu amor e um palacio, com o appenso de carruagem posta, ou, pelo menos automovel Darracq ou F. I. A. T., por ser meio de locomoção mais moderno e mais célere, e camarote de assignatura no theatro lyrico, e um collar de brilhantes, e sobre tudo isto a certeza de passar os meses de calmoso outono n'uma estação de aguas, para onde se finge levar uma doença, pretexto apenas para se cuidar dos divertimentos.

Pois se a aspiração de todos é a riqueza, não para que se acumule inerte, mas para que proporcione o prazer, como juro superior ao de todos os outros possiveis rendimentos, pois se as nações são o conjunto de todos os seus filhos legitimos e adoptivos, que mal faz que as nações procurem enriquecer tambem, aproveitando todas as suas fontes de receita, explorando-as intelligentemente e fazendo com que dêem o maximo producto possivel?



O Regresso de SS. AA. o Principe Real e Infante D. Manuel — Desembarque no Arsenal de Marinha

Aguas thermaes

Sejamos praticos, pois que isto de andar devaneando pelos prados floridos da litteratura, a ouvir trinar os rouxinoes, que são os poetas, assobiar os melros de bico amarello, que são os romancistas, gemer as rãs, que são os dramaturgos, e coaxar as rãs, que, salvas as costumadas e honrosas excepções, são os criticos; isto de correr montes e valles das regiões do preterito, colhendo saudades e ferindo as mãos nos cardos aguçados das recordações, será muito bom como repouso do espirito, mas devem confessar que é futil e fóra de moda n'uma época em que se percorre o espaço com celeridade doida, se multiplica a vida pela condensação e variedade de impressões, e se

Desmaselo será não se aproveitar o que se tem, o que a natureza espalhou com mão prodiga, o que a arte e a industria conquistaram; e a França, uma das nações mais opulentas, ou, pelo menos, uma das que tem mais prospero e bem provido o thesouro, confessa e proclama que as suas nascentes minero-medicinas são uma das suas principaes riquezas.

Mas o que fez ella para tornar rendosa e productiva essa riqueza?

Primeiro, tratou de tornar attraentes, alegres e elegantes as suas thermas, depois, de as acreditar, e por fim, de as tornar conhecidas em todo o mundo, para poder entrar vantajosamente em competencia com a Allemanha, com a Austria, com a Belgica, do mesmo modo que fez de Paris um encanto, a não temer rivalidades de Londres, Berlin, Bruxellas ou Vienna, com o mesmo intuito com que procurou de todos os modos atrair a si os estrangeiros, cujo oiro vale tanto e é tão fecundo, como o que se conquista nas



A ilha das cobras, na bahia do Rio de Janeiro

transacções commerciaes, pelas industrias, por todas as manifestações da actividade nacional.

A nós den nos a natureza um clima, que não tem rival na superficie da terra, um outono, que é seguramente a ante-sala do paraíso, e uma riqueza de aguas mineraes, que andamos desperdiçando como perdulários, deixando-as mal conhecidas apenas de nacionaes, ou quando muito, de alguns visinhos, da Espanha, e gastando esforços em rivalidades de estancia para estancia, de natureza mineromedicinal para natureza mineromedicinal, guardando-as muito cautelosamente do conhecimento de estrangeiros, como se houvessem receio de que elles, vindo cá, nol-as levassem na algibeira do sobretudo de viagem.

Quanto a embellezar as estações, isso sim! que se gasta dinheiro! Quanto a cercal-as de attractivos, isso é bom para as de lá de fóra! Quanto a divulgar as virtudes dos seus mananciaes, isso parece feio, que virtudes não se apregoam, e têm de rescender modestas, como a violeta, entre a reiva humilde.

Quanto ao accessão a Vidago ou ás Pedras Salgadas, é de se chegar lá com os ossos n'um feixe; nas Caidas da Rainha, moem-se os ossos e os espiritos no aborrecimento do ceu de vidro; o Gerez, S. Pedro do Sul, Monteigas, Felgueira, Luso, Alfafache, Cucos, Monchique, Vizella, se têm uma hospedaria soffrível e uma sala regularmente ampla para club, julgam ter attingido o maximo das conquistas do progresso, e os anjos disseram basta, não ha mais que desejar!

Os francezes são mais ingenuos e, na sua ingenuidade, entendem que é bom levar ao conhecimento de todos os doentes do mundo que se querem tratar e de todos os falsos doentes que se querem divertir, a noticia circumstanciada e minuciosa de todas as suas estações thermaes, com as virtudes das aguas, os casos em que se não deve fazer uso d'ellas, o preço das hospedarias, desde os quartos de luxo até aos mais modestos e apensos, a extensão do percurso e custo da viagem, em todas as classes, desde Paris, as diversões que cada estação offerece, onde entra a musica sempre e o theatro todas as noites em algumas d'ellas, as digressões interessantes, os pontos de vista bonitos, os monumentos e ruinas que ha a visitar, e assim têm a louca idéa de fazer com que os forasteiros lhes reguem com libras, dollars, florins, marcos, liras, pesetas e francos, esses templos da saúde e do prazer, não desdenhando os kreusers, os pfennigs, os shillings, os cents e os centimos dos menos abastados, porque ha para tudo e para todos os preços.

Vão pensar porventura que são corretores de hospedarias que se entregam a esse cuidado minucioso de propaganda. Pois enganam-se. Não são tal!

Vejam que lembrança! Todos os medicos das estações de aguas e de clima, que são numerosos e de grande competencia profissional, constituiram-se em syndicato, esse syndicato publicou um livro com todas as indicações acima referidas, esse livro foi espalhado aos milhares de exemplares por todos os medicos do mundo, esses medicos mostram-os aos seus clientes, esses clientes escolhem as aguas que mais lhes convêm, fazem os seus orçamentos, largos ou modestos, e eil-os ahí vão, á procura da saúde do corpo, e dos prazeres, que são tambem saúde do espirito.

Ha muitos annos já, houve quem suscitasse, por simples intuição, idéa analoga aos administradores, directores ou que quer que seja de umas thermas portuguezas.

— Boa idéa, seu Soares, era quasi exclamação unanime; mas depois quedavam se a pensar que valia mais perder um vintem para fazer perder um pataco ao visinho, acontecendo ás vezes exactamente o inverso; e as estações thermaes continuaram quasi no abandono, e no completo desconhecimento dos estrangeiros, que nos podiam visitar com certa vantagem ou, melhor, com vantagem certa!

Mas ainda ha mais! Ha cerca de quarenta annos, como n'um jornal medico, muito espalhado e tido em bom conceito, se precionassem as notaveis qualidades de umas aguas, a sua esplendida situação, as suas formosas visinhanças e mais condições felizes, e se apontasse a necessidade de emprender obras de fôrmoreamento e de conforto, sabem o que aconteceu? Foi o proprietario ir pedir ao redactor principal, que nunca mais deixasse publicar artigos d'aquelles, porque... o compromettiam.

E os francezes continuam a considerar as suas thermas e estações de clima, quer em França, quer em Argel, como uma das prin-

cipaes riquezas do país, e affirmam *urbi et orbi* que não temem a concorrência dos outros países, nem ha razão para a tener, enquanto nós continuamos amarrados á rotina, sem pensarmos sequer que entre as vantagens da exploração das aguas, ha a importação dos noivos para as meninas casadoiras, e, amarrados á rotina, quando não desvaíramos pelos penhascos da politica ou nos perdemos nas cavernas lobregas da inveja, continuamos a devanear poeticamente pelos campos floridos da litteratura, ouvindo o gorgear dos rouquinos, o assobiar dos melros, o gemer das rólãs e até o coxar das rãs, com que este artigo se parece muito!

Fois era bom que, um dia ao menos, fossemos praticos!

A. M. DA CUNHA BELLEM.

Villancete

Emquanto no leito dórmes
Deixa que eu véle, scismando,
No mal que me vae finando.

VOLTAS

Em teu somno celestial,
Não me venha despertar
O teu brando respirar
Quando eu scismo no meu mal.
Dórme um somno sepulchral
Que eu quero vae, scismando,
No mal que me vae finando.

Quem sonhará então mais?
Talvez eu, mesmo acordado;
Mas o teu sonho é doirado
E o meu faz-me saltar ais.
Tu vés prazeres ideaes
Emquanto eu só 'stou scismando
No mal que me vae finando.

Mas aí, se quando accordares,
Os olhos p'ra mim volteres,
Cessa o prazer, por me veres,
E em mim nasce por me olhares.
Mas quando a dormir voltares,
Deixa que eu véle, scismando,
No mal que me vae finando.

Jayme Tudella e Castro.



mente preparado no Instituto de Butantan, pelo dr. Vital Brazil. Accedendo ao meu pedido, aquelle meu distinctissimo collega, com palavras animadoras que profundamente lhe agradeço e com uma

depois da 2.ª injeção, todas as hemorragias cessaram; apenas, ao anoitecer d'esse mesmo dia, teve uma pequena evacuação sanguinea. Deede as 9 horas da noite do dia 25 até ás 5 horas da tarde do dia 26, isto é, no espaço de 30 horas, as urinas augmentaram, dando um total de 32 onças e meia, um litro, approximadamente. Isto no espaço de 20 horas. Augmentou, portanto, a diurése, cessaram as hemorragias, descongestionaram-se os tegumentos, tres



O café no Brasil

Fazenda na Boa Vista (Amparo — S. Paulo), Casa da Residencia de Antonio da Silveira Mello

boa vontade, tanto mais apreciavel quanto mais rara vae sendo, procedeu desde logo á primeira injeção hypodermica de vinte grammas de soro (1). Eram 3 horas da tarde. A temperatura do doente, 39,8; o pulso, 80. As hemorragias continuavam. Das 3 horas da tarde até ás 7 horas da noite, isto é, n'um espaço de 4 horas, o doente tinha urinado 9 onças, 270 grammas approximadamente. Não contando uma emissão de urinas de 7 onças (210 grammas), á entrada do hospital, e devida muito provavelmente á acção

obedecendo ainda a uma ultima solicitação do medicamento, o doente ainda consegue urinar 330 grammas. Mas declara-se, por fim, a anuria e o doente vem a succumbir ao meio dia do dia 27. E o que concluir?

Apezar do desfecho, apezar das applicações excessivamente tardias do soro (quarto dia de uma infecção gravissima), tres factos devemos cuidadosamente retrir e consecutivos ás injeções: augmento notavel da diurése, cessação brusca das hemorragias e



Casa de machinas e deposito de café — Terreiro

diuretica dos banhos frios e da theobromina, o doente, nas 13 horas anteriores, só tinha urinado umas 250 grammas. Ás 7 horas da noite, nova injeção hypodermica de mais 20 grammas de soro. Na noite de 25 para 26, o doente teve umas 18 dejeções abundantemente hemorragicas. Mas ás 8 horas da manhã do dia 26, 13 horas

descongestão dos tegumentos. Ora, em vista d'estes resultados e de todos os factos, que mais acima assignalei, não nos será permitido concluir que, applicada a tempo, desde o inicio da doença, a therapeutic, que aconselho, seja uma therapeutic efficaz? E' o que experiencias ultteriores virão confirmar ou negar. E o momento não pôde ser mais opportuno.

Mas vejamos, ainda uma vez, para que este ponto fique devidamente frisado. Ha muito que Neidhardt chamou a attenção do mundo medico para a semelhança que existe entre os effectos da mordedura das serpentes e os symptomas da febre amarella! E so-

(1) As injeções poderão ser hypodermicas ou endovenozas, segundo a gravidade dos casos; e, como no evenesimento epididico, de 20 a 60 grammas, talvez; mas a sua posologia exacta é o que nos cumpre agora determinar.



Elizabete 1885 gr

Na fazenda da Boa Vista (Amparo — S. Paulo — Brasil) — Um grupo

bre esta semelhança instituíram os médicos homoeopatas uma therapeutic, que elles apregoam como efficaz. Foi ainda baseado n'esta analogia que William Humboldt, na Havana, concebeu, ha já mais de meio seculo, a idea de tratar a febre amarella por meio da peçonha da vibora. Referindo-se aos trabalhos de Humboldt, já, em 1868, diz Littré: "Nestes ultimos tempos, um medico allemão, Humboldt, pretende ter descoberto um preservativo da febre amarella. O dr. Manzini, medico italiano, que exerce na Havana, collorou n'essas numerosas experiencias e dirigiu elle mesmo muitas d'ellas. Dotado de um verdadeiro espirito de observação e de uma imparcialidade a toda prova, e o seu testemunho de uma importancia consideravel. Pois bem; segundo elle, conclue-se que a inoculação d'essa substancia (sabede que o veneno da vibora) produz um estado febril e alguns dos symptomata da febre amarella, mas transitorios e sem excepcional gravidade. *Este facto singular*, diz Littré, *é muito digno de attenção!*"

Mas escusamos de ir tão longe, porque mesmo em nossa casa nos é bem facil encontrar quem, com a maior auctoridade e competencia, possa intervir no debate, com um depoimento favoravel. E o testemunho dos proprios medicos brasileiros que, neste momento, eu invoco e com tanto maior prazer quando se trata de dois meus collegas paulistas, a mais de um titulo digno de todo o nosso acato e estima. O primeiro é o dr. Victor Godinho, que, na sua interessantissima monographia sobre a febre amarella em S. Paulo, já em 1867, nos dizia, referindo-se á anuria produzida por mordedura de cobra:

"Tendo citado o illustrado director do Laboratorio de Biologia do Rio de Janeiro, o dr. João Baptista de Lacerda, occorre-me oppôr uma contestação a uma opinião sua exarada em seu livro — o *microbio pathogenico da febre amarella*, no qual e a proposito da *similitude entre certos symptomata da febre amarella e os effeitos das toxinas dos ophidios*, diz que não ha receio de que a morte seja devida á anuria nos casos de picadas de ophidios. Na minha clinica do interior tive occasiao de tratar dois doentes picados por cobras, sendo uma d'estas uma cascavel e a outra uma jaracaca preguiçosa, cujas peçonhas e cujas virulencias são bem conhecidas do illustrado collega, mais do que por ninguém entre nós. Em ambos os casos, além dos outros symptomata communs e das variadas hemorrhagias eu observei, no doente picado por cascavel, hematuria e depois *anuria* por 22 horas, e no outro caso *anuria* por 21 horas. Em ambos foi feito o catheterismo evacuador com resultado negativo."

Mas bem mais explicito e categorico é o dr. Vital Brazil que, na *Revista Médica* de S. Paulo, de 15 de novembro de 1901, se exprime nos seguintes termos:

"RESISTENCIA DOS ANIMAES, EM VIA DE IMMUNISACAO CONTRA A TOXINA AMARILLA, AO VENENO OPHIDICO.— Um facto que nos impressionou logo que começamos a estudar o veneno ophidico, foi a semelhança que notamos entre algumas lesões produzidas por dose mortal (no cão) de toxina amarilla e as que são devidas ao veneno ophidico, principalmente tratando-se do veneno de *batracos*; o conteúdo hemorragico do estomago e dos intestinos; a hyperemia da mucosa gastro-intestinal; a cor e o aspecto do fígado e dos rins; a grande quantidade de albumina que se encontra nas urinas, etc., constituem, em largos traços, os mais salientes pontos de contacto entre as duas especies de envenenamento. *Não o edema hemorragico, tão constante no envenenamento ophidico, observa-se na intoxicação amarilla, quando a injeção de toxina é feita debaixo da pelle.* Além d'isto, o acaso nos revelou facto

ainda mais interessante e que nos parece em correlação com a semelhança de lesões acima notadas. E' o caso que tendo, em certa occasião, injectado em dois cães uma dose de veneno seguramente mortal (2 milligrammas por kilo de animal), vimos com grande surpresa que um dos animaes resistiu perfeitamente ao envenenamento, ao passo que todos os outros succubiram. Procurando uma explicação para o que observamos, encontramos uma circumstancia nos antecedentes do animal, que poderia talvez explicar essa resistencia: a de ter soffrido anteriormente injeção de uma cultura de febre amarella. Proseguindo no esclarecimento do mesmo facto, injectámos em uma série de cães, que haviam soffrido anteriormente uma ou varias injeções de toxina amarilla, veneno ophidico em doses variaveis, desde a minima mortal até a quadrupla d'esta, tomando alguns animaes testemunhas. Estes animaes resistiram sempre á minima mortal, succubindo alguns d'elles a doses exaggeradas de veneno, revelando, entretanto, sempre muito maior resistencia, comparativamente aos animaes testemunhas. Parece-nos, pois, certo que as injeções de toxina amarilla, em doses vacinantes, conferem aos animaes resistencia em relação ao veneno ophidico. Não sabemos ainda se a reciproca é verdadeira, isto é, se os animaes vacinados contra o veneno ophidico resistem a doses mortaes de toxina amarilla."

Eu nada conheço de mais claro, de mais scientifico, de mais positivo, de mais nitido e de um tão extraordinario alcance, na materia que discuto, do que as palavras acima transcritas e que emanam de um dos homens de maior auctoridade e de mais indiscutivel competencia no assumpto. O que me espanta é que este meu distincto collega não tivesse derivado para o terreno da therapeutic as conclusões que eu me apresso a formular, e que não são mais do que o corollario logico das suas proprias afirmativas. Teve em suas mãos o facho e deixou que outro lho tomasse. Que outro, por sua vez, o empunhe, que melhor o agite e inflame e que d'esta *course du flambeau*, jorre afinal o clarão que nos permita descobrir a verdade, seja em que recanto for onde ella, esquiva, se occulta.

BETHENCOURT RODRIGUES.

Nota final

Nas primeiras experiencias, n'este momento em via de realisacão, para se decidir, em ultima instancia, da efficacia ou não efficacia do soro anti-ophidico, no tratamento da febre amarella, a maior difficuldade está em estabelecer-se com precisão o indispensavel equilibrio da balança therapeutic, no que diz respeito á dosagem e á accão do medicamento.

A especificidade de um qualquer remedio, ou seja o seu ou o impudalismo, ou seja o mercurio e iodeto de potassio na syphilis, ou seja o opio e o chloroformo nos seus dois effeitos, contrarios e extremos, de extirpação ou de narcose, é funcção de qualidade, mas é tambem, e necessariamente, funcção de quantidade, isto é, da sua exacta posologia, ou do quantum necessario para a obtenção de um determinado effeito.

Ora, como o soro anti-ophidico não pode constituir uma excepção a este inviolavel preceito, e a sua exacta posologia, não só segundo a gravidade da doença, mas attendendo tambem á predominancia d'este ou d'aquelle symptomata, o que exigirá talvez em certos casos a applicação, não já do soro anti-ophidico, mas do simples soro anti-hemorrhagico, ou do simples soro anti-cretico.

E é só depois d'estes ensaios prévios que se poderá proceder ás experiencias definitivas que nos permitirão ajuizar da efficacia do soro, no tratamento da febre amarella.

B. R.



Entre flores

BRASIL-PORTUGAL

Composição e Impressão

Texto e capa: Companhia Nacional Editora
Largo do Conde Barão, 30

Páginas suplementares: Of.º Esteiro Nunes & F.ºº
Rua d'Assumpção, 18 e 24

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Directores

Augusto de Castilho, Jayme Viktor, Lopo Tavares
Secretario da redacção — João Costa

Editor — Luiz António Sanchez
Redacção e administração — C. do Sacramento, 14, 1.º
Ed. telegraphica — BRATUGAL — LISBOA

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL, ILHAS, E AFRICA	ESTRANGEIRO
Anno.....	Moeda brasileira.....	Anno.....	Anno.....
Numero avulso.....	36000 20000	5000 2000 1500 3000	7000 4000 3000

SUMMARIO

TEXTO

Política Internacional — CONSIGLIERI PEDROSO.
Actualidades.
Seara Malhada — COSTA MACEDO.
Quadras — RUBIHO DE CARVALHO.
Poesia de Lisboa — HENRIQUE DE VASCONCELLOS.
Valentin Magalhães — Uma barcaola.
Um gatuno de dez annos — TENNYSON.
Aguas thermaes — A. M. DA CUNHA BELEM.
Villancete — JOAQUIM TUDELLA DE CASTRO.
Febre amarella — Tratamento pelas injeções de séro anti-ophídico — Dr. Bettencourt Rodrigues.

GRAVURAS

RAFAEL BORDALI O PINHEIRO.
COIMBRA — Lapa dos Esteios.
A CONSTRUÇÃO DA CANHONEIRA PATRIA — Nos estaleiros do Arsenal de Marinha.
D. FERNANDO DE SOUZA COUTINHO (Marquez de Borba) e D. JOSÉ LUIZ DE SOUZA COUTINHO (Conde de itedondo e Vimioso).
EXPOSIÇÃO DE ROSAS — O pavilhão e um trecho interior.

DR. HENRIQUE DE VASCONCELLOS.
O REGRESSO DE SUAS ALTEZAS REAES — Desembarque no Arsenal de Marinha.
A ILHA DAS COBRAS — Na bahia do Rio de Janeiro.
O CAFÉ NO BRASIL — Fazenda na Boa Vista — Amapá (S. Paulo) — Casa de residencia — Casa de machinas e deposito — Terreiro — Um grupo.

16 Illustrações

Bom conselho

— Como tu estás abatido, rapaz!
— Que queres? Loucuras... excessos... o diabo!...
— Mas agora reparo... Tu estás forte, riço, com boas cores. E eras tão franzino!
— Cousas, meu velho. Faze como eu. Toma o **Chocolato Brasil**, que se fabrica no Molinho de Ouro, no Largo de S. Francisco do Rio de Janeiro.

PLACAS PHOTOGRAPHICAS

PAPEIS **JOUGLA**
os melhores

PARIS-45, Rue Rivoli. 45-PARIS

Usem o solido calçado **ROCHA**

O MELHOR DO BRASIL

«S. PAULO»

Conselho d'Amigo...

Os Vinhos de Adriano Ramos Pinto!

OS NOSSOS CORRESPONDENTES

No Continente

PORTO—Joaquim Caldas e Brito, Rua Pinto Basso, 490.
 PONTE DE LIMA—Gama, Amaro & Com.^{da}.
 ELVAS—Júlio Antonio dos Santos Sobrinho.
 AL COBAÇA—José Narciso da Costa.
 TAVIRA—José Maria dos Santos.

No Estrangeiro

PARIS—Xavier de Carvalho, Boulevard Clichy, 16.
 A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem lá os seguintes:

Na Índia

NOVA GOA—Antonio M. da Cunha—Casa Luso Francesa—Rua Afonso de Albuquerque.

No Brasil

RIO DE JANEIRO—(Agencia Central) dos Estados do Sul: Coronel Theodoro Pupo de Moraes e José Martins Pollo, Rua de Alameda, 4, sobrado.
 PERNAMBUCO—O. A. Leopoldo da Silveira—Rua Primeiro de Março.
 PARA—J. B. dos Santos—(Livreria Classica)—Rua João Alfredo, 56.
 PARANÁ—Jayme & Camara—Livreria Classica—Rua Liberman Moraes.
 MARANHÃO—Roberto Majoli Caixa do Correo n.º 4.
 BAHIA—José Luis da Fonseca Magalhães (Livreria Magalhães)—Rua Direita do Palácio, 35.
 VICTORIA—Estado do Espirito Santo—Guimarães e Costello—R. da Alfândega, 18.
 S. PAULO—Sub-agente Alcântara Carreira.

Em Africa

MOÇAMBIQUE—Júlio Augusto Pinto de Carvalho
 BEIRA—Antonio Francisco Ribeiro.
 MORRIS—D. de—Joaquim Teófilo de Assumpção.
 QUILIMANE—Henrique Jorge de S. Neves.
 BENGUELLA—Mathews & Tavares.

LOURENÇO MARQUES—D. Bernardo Heitor da Silveira de Lorença.
 R. THOMÉ—L. A. D. Alves Mendes

REPRESENTANTES DO «BRASIL-PORTUGAL»

No Estado de S. Paulo (Brasil) representam **Brasil-Portugal** os srs.:
 Abreu Irmãos & C.^{da}, em S. PAULO.
 Zeferino Lourenço Martins (vice-consul de Portugal), em SANTOS.
 Dr. João Guedes (rua do capitão Miranda, 8), em AMPARO.
 A. Vianna Pinto de Sousa (vice-consul de Portugal), no RIBEIRÃO PRETO.

Rio Solimões—J. C. Mesquita (casa Andrezen)—MANAOS.



VINHOS VELHOS
 LEGITIMOS DO PORTO

Premiados nas exposições

PORTO
 REGISTRADA
 MARCA DE COMERCIO

Londres, 1862; Porto, 1866; e Paris, 1867 e 1878

ANTIGA CASA

João Eduardo dos Santos

Fundada em 1845

Os vinhos com o nome de minha casa só devem ser considerados genuínos e authenticos, quando tiverem nos rotulos, capsulas, rolhas, caixas ou cascos, a marca do commercio registrada de que uso.

A venda em todas as casas de primeira ordem

JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR

PORTO



Empresa Nacional de Navegação



Itinerario das carreiras para a Costa Occidental e Oriental d'Affrica

SAHIDAS—Dia 6: Para Madeira, S. Vicente, S. Thiago, Principe, S. Thomé, Cabinda, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguela e Mossamedes.

Dia 12: S. Thomé, Loanda, Lourenço Marques, Beira e Moçambique.
 Dia 21: S. Thiago, Principe, S. Thomé, Cabinda, Santo Antonio do Zaire, Ambrizette, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguela, e Mossamedes.

Para carga e passagens trata-se no escriptorio da Empresa, Rua da Prata, 8, 1.º

FONSECAS, SANTOS & VIANNA
 BANQUEIROS

R. D'EL-REI (VULGO CAPELLISTAS), 180
 ↳ LISBOA ↳

SOZIOS:

Carlos Ferreira dos Santos Silva, Francisco da Silveira Vianna e Joaquim Pinto da Fonseca

Compram e vendem fundos publicos nacionaes e estrangeiros, acções de bancos e companhias. Tomam e saccam letras sobre todas as praças estrangeiras e do reino. Recebem generos e fundos publicos á consignação. Recebem depositos em conta corrente a juro convencional, á vista ou a prazo. Fazem todas as operações de casa bancaria e de commissão

FECHO DE SEGURANÇA
 Joaquim Cruz

PRIVILEGIADO PELA GOVERNACAO BRASILEIRA

Adoptado pela Delegacia Fiscal
 na sua caixa forte

Premiado na exposicao agricola, pastoril e industrial de S. Paulo

Este aparelho é destinado a commodos reservados, caixas fortes e especialmente a portas de sahida. Não tem chave nem orificio de especie alguma. Compõe-se de trancas e terro-lhos de ferro e de maçaneta subordinada á caixa do aparelho. Funciona por meio de segredo impenetravel e milhares de vezes mutavel, á vontade do possuidor, ficando a porta fechada com ferrolho e trancas de ferro por dentro.

É portatil de uma para outra casa ou porta, pois tanto os ferrolhos como as trancas tem graduacao para diversas alturas e larguras de portas.

UNICOS DEPOSITARIOS

C. P. VIANNA & C.^{da}

Rua do Commercio, 11 e 13

S. PAULO

BANCO NACIONAL
 ULTRAMARINO

Sociedade anonyma
 de responsabilidade limitada

SEDE EM LISBOA

49—RUA NOVA D'EL-REI—74

ULTRAMAR

Caixas Filiaes

S. Thiago de Cabo Verde—S. Thomé—Loanda—Benguela—Lourenço Marques—Nova Goa.

AGENCIAS

S. Vicente de Cabo Verde—Bolama—Mossamedes—Quelimane—Inhambane—Moçambique—Macau.

MARQUES, Successores OURIVES-JOALHEIROS

O mais vasto, completo e variado sortido em objectos com pedras finas, d'ouro, prata, bengalias, cartóias, etc. — Sempre as novidades escolhidas pessoalmente em Paris, Roma e Viena

123 — Rua de Santa Catharina — 131

Objectos d'arte e em esmalte

Preços fixos e garantidos

— PORTO —

BRASIL-PORTUGAL

BANCO LUSITANO

Sociedade anonyma
de responsabilidade limitada

CAPITAL 800:000\$000 REIS

Faz operações bancarias
nos seus
variados ramos

Sede em Lisboa

Rua d'El-Rei, 85

OFFICINAS PHOTOGRAPHICAS

sob a direcção technica de

ARNAUDO FONSECA

RETRATOS a toda a hora e com todo o
tempo.

NOVIDADE: — Retratos de noite das 7 ás 10 horas.

Estes retratos são d'um luxuoso e
moderado.

38, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 38

PHARMACIA ASSIS

PHARMACEUTICO

C. de Assis Ribeiro

Completo sortimento de drogas,
productos chimicos e pharmaceuticos,
pelos preços das drogas

Rua 15 de Novembro, 2

S. PAULO

ANGELINO SIMOES & C.

Generos alimenticios de primeira qualidade

De conta propria

Commissões e consignações

Impartição e transacções directas com as principaes praças
do Brazil e da Europa

Vastos armazens nos novos predios recente e expressamente edificadas
para este ramo de negocio em larga escala

Rua do Mercado, n.º 81

Rua do Rosario, n.º 1 a 5

Beco da hapa dos Mercadores, n.º 6 e 8

RIO DE JANEIRO

Rued. telegraph ANGELINO

Caixa postal 1054

MARTINS, VIANNA, VAZ & C.

CONCESSIONARIOS DE

F. F. VAZ & C.^a e VIANNA, CASTRO & C.^a

Fabrica de marmelada

Fructas em conserva

Assucar em grosso e refinado — Confeltaria
— Molhados — Velas —
Sabão — Kerozenc — Oleos, etc.

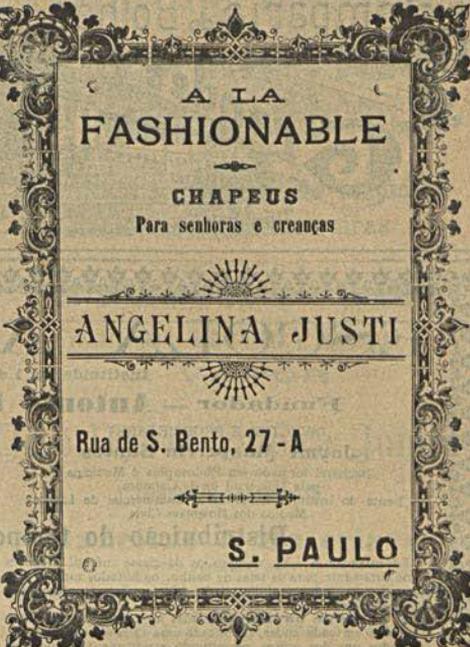
Telegramma VAZ

Caixa postal — 484

154, Rua de S. Pedro, 155

67, Rua Andradas, 67

RIO DE JANEIRO



A LA
FASHIONABLE

—
CHAPEUS
Para senhoras e creanças

ANGELINA JUSTI

Rua de S. Bento, 27 - A

S. PAULO

Antonio Constancio Vieira

COMMERCIANTE

VENDAS POR ATACADO E A RETALHO

GRANDE ARMAZEM

«Oceana Buildings» — BEIRA

AFRICA ORIENTAL

Ferragens, cabos para navios, instrumentos de serralharia, loiça e objectos esmaltados, cordas, cordoalha, fios de arame de latão e cobre, oleos e tintas para pinturas, vernizes, chaminés para candieiros, vidros (cortados, de quaesquer dimensões), encerados, papelaria, artigos de escriptorio, livros de contas, etc., etc.

CARTUCHAME

Para Martini-Henry, Lu-Metford, etc. Balas, munições de chumbo, capsulas, buchas, aparelhos de carregar espingardas, etc.

Estamparia do Bolhão
Casa Fundada em 1850
Pavão Fernandes Thomaz, 528
PORTO



Grandes Armazens

Fazendas de seda
lã e algodão
NACIONAIS
E
ESTRANGEIRAS
Tapetes, alfombras, jutas
OLEOSOS
PERFUMARIAS
MIUDEZAS
ETC.

Dr. Oscar Leal. — Especialista em doenças da boca, coloboração de dentes e correção das deformidades maxilares. Consultório de 1.ª ordem. 4

RUA DO CARMO, 35. 1.º

(CHILADO)

ESCOLA ACADEMICA

Instituída em 1 de outubro de 1847

Fundador — Antonio Florencio dos Santos

DIRECTOR E PROPRIETARIO

Jayme Mauperrin Santos

Bacharel formado em Philosphia e Medicina
pela Universidade de Coimbra;

Lente do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa
Medico dos Hospitais Civis

INSPECTOR DOS ESTUDOS

Antonio Dias de Sousa e Silva

Bacharel formado em Philosphia, com o curso
de Mathematicas puras pela Universidade de Coimbra

Curso Theologico no Seminario de Vizeu
e Professor de Mathematica da Escola Academica desde 1874

Distribuição do tempo dos alumnos internos

Levantam-se ás 5 3/4, excepto os da classe infantil. Seguem immediatamente para as salas de banho, onde todos tomam diariamente um banho geral d'asperção, frio ou morno, conforme lhe está prescripto.

As salas de banho, installadas no centro dos dormitórios, uma em cada andar, tem cada uma 17 banhos d'asperção, separados uns dos outros, permitindo assim que 34 estudantes possam banhar-se e lavar-se ao mesmo tempo. Terminada a lavagem, reparam-se aos dormitórios, onde completam a sua toilette.

As 6 1/4 dirigem-se as diferentes secções á Capella, rezam a sua oração da manhã e descem em seguida para o andar das aulas, onde se distribuem conforme os cursos e respectivos annos, tendo o seu primeiro estudo das 6 1/2 ás 7 1/2 horas da manhã.

As 7 1/2 é servido o almoço, que consta d'um prato de garfo, chá e pão com manteiga. Terminado o almoço, ás 8 horas, tem recreio até ás 9 horas.

Das 9 horas ao meio dia, 1.º periodo de aulas, havendo ás 10 e 11 horas pequenos intervallos, que permitem a mudança do professoras e o descanso dos alumnos.

Do meio dia ás 2 horas da tarde interrupção geral de todos os trabalhos litterarios. Durante este periodo tem logar o lunch e as aulas de recreio: — gymnastica, dança, jogos do forete e do pau, esgrima, musica theorica e instrumental. Todos os alumnos são obrigados á frequencia d'estas aulas (sem pagamento especial para isso), estando divididos em grupos, que alternam durante este periodo na frequencia d'estas aulas e nos recreios e jogos (Lawn tennis, Malha e Croquet).

Lisboa e secretaria da Escola Academica, aos 11 de abril de 1901.

Das 2 ás 4 horas, 2.º periodo de aulas, havendo ás 3 horas o intervalo necessario para as mudanças dos professores e descanso dos alumnos.

As 4 horas, jantar, que consta de sopa, dois pratos, vinho e sobremesa, conforme a tabella das refeições que corre impressa.

Das 5 ás 7, recreio geral nos terraços, jogos ou salas de recreação, estando allí os alumnos divididos em 5 secções, conforme as suas idades.

As 7 horas, estudo geral nas suas respectivas aulas, que dura até ás 9 horas da noite, excepto a instrucção primaria, cujo trabalho termina ás 8 1/2 da noite.

As quartas e sabbados, das 8 1/4 ás 9, uma das 5 secções, em que os alumnos internos estão divididos, tem uma catechese do capellão da Escola para o seu ensino moral e religioso e explicação da doutrina christã.

As 9 horas, ceia, que consta de leite e pão.

Em seguida dirigem-se as diferentes secções á Capella, rezam a oração da noite e recolhem aos dormitórios.

Nos domingos e dias sanctificados levantam-se ás 6 1/2. Depois do almoço, assistem á missa na Capella da Escola e á explicação do Evangelho do dia, feita pelo capellão.

As 11 horas ouvem uma pequena preleção sobre assumptos de hygiene, feita pelo Director

* Durante este periodo tem logar os ensaios da fanfarra e da tuna, dirigidos pelos respectivos professores, e as aulas especiaes de musica.

O DIRECTOR — MAUPERRIN SANTOS

VINHOS

VILLAR D'ALLEN

CHAMPAGNE VINHOS DE PASTO

Da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal

GERENTE: JOAQUIM JOSÉ GONÇALVES & C.ª

Rua 1.º de Marco, 59 — RIO DE JANEIRO

ARMAZEM

DO

PARC ROYALM. NUNES & C.^a

Completo sortimento de todos os artigos

DE USO PARA

Senhoras e para homens

OFFICINA de costuras.

FABRICA de perfumarias.

FABRICA a vapor de roupas brancas.

OFFICINA e DEPOSITO de calçado.

Exportação para todos os Estados da Republica

IMPORTAÇÃO DIRECTA**Preços fixos sem competencia**

L. de S. Francisco de Paula, 8 a 14

RIO DE JANEIRO

Os mais puros e genuinos vinhos do mundo

ANTIGA E UNIVERSALMENTE ACREDITADA CASA

Ferreirinha

de PORTO e REGOÁ

(FUNDADA EM 1751)

VINHOS VELHOS DE 1812 E 1815
(reserva especial)Recomendados pelos Srs. médicos para os anemicos,
dyspepticos, doentes e convalescentes**VINHOS ADAMADOS****Bastardo, Malvasia e Moscatel**

muito apreciados por todas as senhoras

Marcas para o commercio

Vesuvio -- Ferreirinha -- Cruzeiro -- Nogueiras e Cosmopolita

A' venda em todas as Confeitarias, Hoteis, Botequins,
Armazens e Vendas

Deposito—RUA 1.º DE MARÇO, N.º 17—RIO DE JANEIRO

FONSECA & SA**SAQUES** sobre Portugal, Ilhas, Hespanha, Italia,
Paris e Londres**ATELIER DE ALFAYATE****ANTONIO DO GOUVO**Premiado na Exposição
Universal de Paris de 1900**Magnifico sortimento de fazendas
nacionais e estrangeiras**

Rua do Alecrim, 111, 1.º — LISBOA

CAPINTARIA, MARCENARIA E SERRARIA

A VAPOR

DE

José Maria Pereira Junior**COMPLETO SORTIMENTO**

DE

Madeiras e Materiaes

Para construcções civis

Construcção e reconstrucção de predios

RUA LAVRADIO, 33

RIO DE JANEIRO**PSYCHOLOGIA DO CHAPEÃO**«O estylo é o homem!—Dizia
Buffon, um Sabio de tom...
Está provado, hoje em dia,
Que era um erro de Buffon!Um erro! um erro profundo,
Digno de eterno labéu:
Pois sabe hoje todo o mundo
Que o homem... é o chapéu!»Acreditem! Não respinguem!
E' a Sciencia que o diz:
Pelos chapéus se distinguem
Os genios e os imbecis!Quando se encontra um sujeito
Com um chapéu de forma vil,
Amarrotado e mal feito,
Diz-se logo: «Que imbecil!»Mas quando alguém apparece
Trazendo no craneo, ao sol,
Um chapéu que resplandece,
Que brilha como um pharol,Um chapéu limpo, correcto,
Que attrahe e seduz o olhar,
Com o seu encanto secreto,
Com a sua forma sem par,— Admirando o cavalheiro,
Diz a gente: Sim, senhor!
Ou é um grande banqueiro,
Ou é um grande escriptor!»Pois bem! queres ter talento,
Dominar a terra e o céo
Com voo do Pensamento?
Quereis ter um bom chapéu?A Sciencia não vos engana...
Tereis um chapéu ideal,
Comprando-o na Americana
Do Carvalho Portugal!**CHAPELARIA AMERICANA**

133, R. DO OUVIDOR, 133

— RIO DE JANEIRO —

A ACCUMULADORA

Sociedade Anonima de Seguros e Economias

CAPITAL INICIAL: RÊIS 100:000\$000

Secção de Economias:

Apólices do valor de **500\$** emitidas até 31 de março

Rês 2.386:500\$000

Secção de Seguros de Vida:

Apólices de Seguros Infantil e Dotal emitidas, do valor de **5:000\$**

1.655:000\$000

NOTA

As apólices de Economia são resgatadas, por sorteios semanais — e pagas em dinheiro.

As apólices de Seguros são liberadas por sorteios semestrais.

SÉDE SOCIAL — 6, R. DA BOA VISTA, 6 — SÉDE SOCIAL

Caixa Postal — 648.

Telephone — 662

S. Paulo

Brasil

Fabrica Confiança de Gravatas

VENDAS POR ATACADO

Endereço telegraphico — GRAVATAS



J. AZEVEDO & C.^A

Largo de S. Francisco de Paula, 4 B

RIO DE JANEIRO

The Pacific Steam Navigation Company

Caes do Sodré, 64, 1.º

LISBOA

OS AGENTES — E. Pinto Basto & C.



Viagens rapidas para o Brazil e portos do Pacifico. Carreira quinzenal ás quaras feiras alternadas. Grandes paquetes, luz electrica, luxo e todas as commmodidades. Preços modicos para S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo, Valparaiso, portos do Chili e Peru, e, na volta, para La Pallice e Liverpool.

JULIO LIMA & C.^A



FABRICANTES DE CHAPEOS DE FELTRO

Fabrica

167, RUA DE S. CHRISTOVÃO, 167

Deposito

46, RUA DE S. PEDRO, 46

End. teleg. — JULIMA.

RIO DE JANEIRO

FABRICA FUNDADA EM 1890 — Ocupa a área de 12.000 quadrados

MACHINISMOS MODERNOS E APERFEIÇOADOS

Os seus productos rivalisam vantajosamente com os importados do estrangeiro. Esta fabrica foi distinguida com o diploma na Exposição Artística e Industrial de 1900, primeira a que concorreu. — Abstece os principaes mercados do paiz.